



**O Sol Era Uma Hemorragia  
Ruivo-Oxigenada**  
**Bruno Sanctus**

# **O Sol Era Uma Hemorragia Ruivo-Oxigenada**

**Bruno Sanctus**

# **APPALOOSA**

**Online Indie Publishing**

Livro: AP0013

Sanctus, Bruno

O Sol Era Uma Hemorragia Ruivo-Oxygenada

Bruno Sanctus – 1 Ed. 2018

Appaloosa Online Indie Publishing

Background de Capa:

Unsplash | Adam Le Sommer

Produção:

Appaloosa Online Indie Publishing

Felippe Regazio / Design & Publishing

Este Livro Contém:

. O Sol Era Uma Hemorragia Ruivo-Oxygenada

# Deliciosamente Desagradável

A literatura de Bruno Sanctus atrai nosso olhar para dentro de nossas próprias vísceras. Nos faz encarar nosso próprio ódio. Nosso próprio niilismo, que disfarçamos com hipócritas “Bom dia”! e “Tudo bem”? todos os dias, pois somos peças bem encaixadas e a vida é assim mesmo.

Não. Não é assim mesmo. E este jovem escritor já sabe disso. Desde o empedernido pessimismo que impregna estas páginas, até a aversão aos populares saraus de poesia, onde quem escreve procura externar seus anseios por aprovação, na procura de palmas, tão sinceras como o “Bom dia”! que oculta desejos homicidas, os quais Bruno Sanctus joga a luz, como um vigia num banheiro publico, revelando atos vergonhosos que nós todos cometemos ou sonhamos cometer.

Sua escrita é sincera como os recados pervertidos rabiscados nas portas deste banheiro. Um convite para que joguemos a máscara dissimulada no cesto de lixo, enfiemos a mão no vaso e nos alimentemos do que é realmente a Verdade, e esta nos libertará, pois “somos nós mesmos, quando defecamos”.

\_\_ André Dia(s/s)?



Andre Diab 6/12  
2018  
2

*“Às vezes, acho que estou escrevendo pornografia no caderno dos deuses”*

\_\_ Grant Morrison

Primeira Parte da  
**Trilogia suja de são paulo**



## **tão fodido na terra como no céu**

roubei do meu tio, ainda menino,  
o hábito de falar palavrões  
como se fossem vírgulas  
dentro de uma frase mal elaborada.  
sei que sou a porra dum filho da puta  
e esse vento fodido de agosto  
está cortando a merda do meu corpo esguio  
como uma navalha cega.  
a cada passo o que me resta  
dos pulmões explodem  
feito rojões em festa junina.  
bem que o orixá tinha  
prescrito na gira de sexta  
quando rejeitou meu ebó:

*“chunchê che prepara pá tempestadi que tá vino  
pá chunchê.  
né coija boa não”*

foi a bucha que abriu no meu  
estômago quando dava fuga  
dos rocan e acordei internado  
com começo de overdose.  
a mãe do fabiano me culpando  
pela morte do cuzão,

na troca de tiro  
de uma fita que não deu certo  
e fez um escarcéu da porra  
na missa de sétimo dia.  
o prejuízo na biqueira  
por causa do delator  
que horas depois foi incinerado  
no micro-ondas.  
o toco que dei na gostosa  
da bárbara porque acordei  
com HPV;  
a vagabunda da mina do murilo  
ameaçando abortar meu filho  
todavia que me pede dinheiro  
e não tenho.  
já não bastasse dizer que o mundo  
não precisa de pessoas iguais a mim.  
meu nome sujo,  
o telefone grampeado.  
a conta d'água vencida;  
os móveis levados pela enchente.  
a cerveja esquentado  
enquanto meu cunhado cospe problemas  
e meu time do coração perdendo a final

a vida não é mesmo justa,  
e você ainda reclama

toda vez que esfrego a poesia  
em sua cara

## **o evangelho segundo um filho da puta**

o inferno nem sempre é um inferno  
em um dia bom, pode ser equiparado  
a qualquer metrópole.  
dizem que os estalos que se escuta a noite  
dentro do quarto  
são os fantasmas quando batem o mindinho  
na quina de alguma coisa

o problema é são paulo que tem um clima  
bipolar:  
ou é um frio do caralho  
ou um calor da porra  
- as vezes  
os dois no mesmo dia

o sol era uma hemorragia louro oxigenado  
em um céu de nuvens preguiçosas  
cujas luz  
trespassavam as cortinas encardidas  
“porra!”  
tropecei em uma das garrafas  
que havia ficado ao lado da cama  
não fosse o guarda-roupa, teria me estabacado todo

e aquela garota que cantava em inglês desperta

acho que por causa do barulho, não sei.  
antes de me desejar bom dia,  
ela diz que está com o cu doendo  
e que provavelmente cagará porra por uns dois dias.  
Só compreendi o significado daquilo  
durante o banho quando o atrito da água  
removia as manchas tingidas de marrom do meu pênis

ela disse que preferia ter câncer  
do que sofrer qualquer distúrbio psicológico  
que sempre estraga tudo...  
que tem medo de solidão  
e por isso tenta manter as pessoas por perto com sexo.  
que sofreu abuso do próprio pai  
e aquilo era como ser mordido por um cão  
mas não um cão de rua qualquer  
que estranha seu cheiro  
era como ser mordido por aquele filhote  
que você alimentou a primeira vez  
e que jamais espera o bote  
e isso doía muito mais

eu a abraço e minto:  
– tudo ficará bem... eu tô aqui... já passou...  
– “o que te levou a virar poeta, Mateus?  
um amor não correspondido?  
a perda de um ente querido?

a não aprovação no curso de engenharia?”

– essa sensibilidade da porra que possuo – respondo –  
essa ânsia absurda de ser humano  
quando tudo o que me toca é metálico  
& mecânico

vesti aquele camisão que me deixa com cara  
de membro de gangue mexicana  
e desci pelas ruas da liberdade  
eu precisava de um paliativo.

precisava fazer algo estúpido  
porque a existência por si só não me bastava.  
entrei naquele beco que mais parecia  
uma visão microcósmica da cracolândia  
e bati na porta pichada

– o que cê quer?

– dois pó.

– o quê?

– dois pó, parça.

uma nota de cinquenta entra por baixo  
da porta.

dois pinos e trinta reais em notas de dois  
também saem de lá

eu não devia ter cheirado, também não devia  
ter bebido, não devia ter comido aquela coxinha  
na loja de conveniência e meu pai

não deveria ter gozado dentro da minha mãe em 92.  
não deveria existir lei de murphy,  
nem efeito borboleta.  
topa não deveria ter assistido a luta do tyson  
naquele dia  
e hitler devia ter sido aceito no curso de artes  
mas o mundo não é um livro de colorir  
pra que tudo seja pintado ao seu bel prazer  
tipo: não gostei da cor do seu cabelo verde,  
toma aqui um azul e vice e versa.  
o mundo, na verdade, parece  
a definição da cor para o cegos  
e som para surdos: ininteligível

&

do fracasso nascem os poetas  
mas não ouse passar esta receita pra ninguém.  
minha amiga disse que eu venderia  
15 livros por ano  
que meu casamento seria uma merda  
que estaria preocupado com o preço da passagem  
e com a fimose dos filhos  
o atraso do aluguel  
o atraso da menstruação  
que faria um sexo baunilha  
com uma mulher que não me ama  
que viveria na contramão de todo

o hedonismo que já ousei pregar.  
ainda bem que não acredito em oráculos  
e meu signo é o da discórdia  
que tenho sei-lá-o-que na casa do foda-se  
no meu mapa astral

um cara me encarava na porta do shopping  
me empurrava e os perdigotos banhavam  
meu rosto numa tempestade movida  
a preconceito  
apontava para a faxineira negra  
e perguntava se era minha mãe  
se eu queria engraxar seus sapatos.  
e soberania branca  
estados confederados do sul  
apartheid  
a relação da igreja batista com a *klu klux klan*.000  
e toda aquela babaquice que um metaleiro  
confinado a acreditar em vampiros  
& dragões  
prega sem o mínimo de empatia  
para lidar com humanos

tive que dar dois até que ele desmoronasse no chão

teve gente que aplaudiu  
teve gente que filmou



e tinha aqueles que imaginava a notícia  
em letras garrafais:  
“homem negro desmaia jovem branco a pontapés e socos  
dentro de shopping”

pedi um lanche na praça de alimentação  
a mão inchada  
inundado por pensamentos  
talvez auto sacrifício seja isto:  
uma mão inchada  
e um racista calado.

## **acho que matei um cara!**

acho que matei um cara!  
não sei bem ao certo,  
mas não volto à cena do crime para confirmar.  
estou cheio de dúvidas  
e o giroflex me confunde  
ainda mais

acho que matei um cara...  
os olhos retorcidos,  
o corpo débil,  
as poças de sangue no asfalto  
sugerem briga e  
não me convencerão do contrário.  
os policiais foram cúmplices,  
bateram em minhas costas em  
tom amigável e disseram:  
“volte para casa,  
pode deixar que daqui para frente  
nós cuidaremos do caso!”

acho que matei um cara...  
e estou com medo de ligar  
a tevê e me deparar com a notícia...  
oscilando entre um canal e outro 000  
com os cinegrafistas

disputando o melhor ângulo  
que facilite vender sensacionalismo  
através de tragédia

acho que matei um cara...  
e fico assustado com minha própria  
sombra; tenho certeza  
que minha consciência já não  
é um lugar seguro  
e definharei sem voltar  
a ser a pessoa que um dia  
senti orgulho em ser:  
pagando as contas de água,  
luz,  
IPTU,  
telefone,  
IPVA.  
estou sentindo remorso de  
transar com minha própria esposa,  
porque ela não sabe quem  
é o monstro com quem se deita  
todas as noites

acho que matei um cara...  
e não sei se tinha família,  
amigos, pessoas que o quisessem  
por perto.

não sei se tinha nome,  
endereço fixo.  
de onde vinha, para onde ia  
ou o que fazia.  
sei que matei um cara,  
no fundo eu sei que sim

minha cabeça diz que o assassinei  
com as lesões e fraturas;  
meu coração,  
quando calei-me  
ante um preconceito  
e vi determinado grupo  
espatifando luminárias  
no rosto de uma travesti

**quando a *bad* senta ao lado**

## **oito segundos**

ela removeu a aliança do dedo fino,  
me xingou com lágrimas nos olhos,  
bateu a porta do meu carro  
– odeio que batam a porta do meu carro –  
e saiu bufando de raiva.  
permaneci impassível, mudo,  
com as mãos ao volante;  
crendo que era digno  
de cada adjetivo ruim  
que havia sido chamado –  
até sua silhueta ser dissipada  
do meu campo de visão

tudo havia sido jogado fora  
por causa de oito segundos.  
oito míseros segundos  
(talvez dez, não sei bem ao certo)  
e o amor, os sonhos  
e um futuro são desperdiçados  
dentro da camisinha,  
em um orgasmo que nem  
valeu tanto a pena

li que o amor é dopamina:

um chamado bioquímico de hormônio  
para hormônio,  
resultando na perpetuação  
da espécie.  
não tardaria  
até que a dopamina baixasse,  
consequentemente, o amor também.  
isso deveria enterrar a monogamia  
erigindo um monumento à libertinagem  
em seu túmulo;  
tornando-me isento de culpa.  
só que não é bem assim que me sinto

oito anos depois,  
ela estava na fila de autógrafos  
do meu livro.  
disse que me acompanhava  
nas mídias sociais  
com um perfil fake.  
casou-se e tem um filho;  
e que na semana que vem fará  
sua formatura no prezinho.  
disse que perdoou a amiga  
que a traiu comigo, enquanto  
bebericava um café no *Starbucks*

sinto orgulho de vê-la bem desta forma;

orgulho de não ter contado a verdade  
sobre mim  
e estragar seu sonho de ser mãe.  
afinal, você não tem culpa  
por eu ter nascido estéril



## **pensei que fosse engano**

saudade dói como tocar cavaquinho  
com os dedos cortados.  
tatuei seu nome na costela.  
sei que é uma homenagem tardia  
como todas as outras,  
esta não seria diferente

deveria ter estranhado  
quando parou de reclamar  
do meu mijo fora do vaso pela manhã  
ou das mentiras que amarrei a boca  
para emancipar seu riso.  
deveria ter estranhado  
quando chupou meu pau  
com o gosto recém saído de outras bocetas  
e não reclamou;  
embora soubesse

você nunca mais foi a mesma  
depois que perdeu nosso bebê.  
se queixava tanto sobre a pressão  
no peito, dor de cabeça,  
medo e falta de ar e falta de apetite

“a vida continua...”  
no fundo, no fundo  
acreditei que fosse só drama  
como todos costumam dizer  
até que cheguei em casa  
e me deparei com seu corpo  
esguio, mais branco do que  
o habitual e desfalecido  
no sofá ao lado de um frasco  
vazio de antidepressivos e  
meia garrafa de uísque doze anos

tentei fazê-la vomitar inserindo  
os dedos em sua garganta  
mas já era tarde.  
“a vida continua...”  
por causa de você,  
coloquei meu número nos classificados.  
toda madrugada quando o telefone  
toca com alguém se queixando  
do outro lado da linha que não consegue  
dormir  
eu atendo pensando  
que poderia ter salvo você

## cagando tudo

tentei ser seu cão, adaptando-me  
aos seus hábitos,  
não deu muito certo.  
era como se todas as noites  
ao dormir após as relações sexuais  
a mulher com quem estive,  
acordasse morta;  
e eu fosse o principal  
suspeito por um crime  
que não cometi

ela é 14 anos mais velha que eu  
– mas não me importo –  
e há quatro, não me ligava.  
disse que sentiu saudades,  
a voz rouca encobria algo a mais.  
era seu último rolo, sempre é.  
nada obstrui mais o ser humano  
que uma ruptura inesperada.  
rotina é um clichê perpetuado  
anos a fio nessa existência  
morna.  
fui uma pomada para o seu ego  
que acabara de sair desse pelourinho  
postiço.  
o seu pervertido pessoal  
com ótimas referências literárias

segundo suas próprias palavras,  
viver comigo era como dar  
uma metralhadora a um macaco  
e esperar uma reação racional.  
ou pior, acreditar que seu coração  
é um coquetel molotov e arremessá-lo  
contra a tropa de choque  
em uma manifestação pacífica  
por direitos iguais.  
se isso não for modéstia  
é um eufemismo para minha capacidade  
absurda em fazer merda

gozar era o pretérito perfeito  
quando conjugado na sua boca.  
o problema começou  
quando fez as pazes com o ex.  
senti-me como uma cueca  
atirada aos pés da cama,  
enquanto os corpos transpiram  
e gemem em uma cama  
onde outros casais  
também transpiraram e gemeram

não compensa latir para a roda  
errada.  
talvez um suicídio filmado  
e disponível em *streaming*  
rendesse mais *royalties*.  
ontem eles brigaram

e ela voltou a me procurar.  
é uma pena,  
acabei assassinando acidentalmente  
seu amigo imaginário

## **os meus 25 clichês**

a ressaca da ressaca

o vidro na cocaína

o câncer não vomitado

o resultado do enema

a primeira brochada

– que já não é tão primeira assim.

as migalhas atirada aos pombos

a esmola entregue ao mendigo

os poemas cosplay de bukowski

o vinho barato e os livros

de dostoiévski para complementar

o kit síndrome de fodido

a insônia

as orações não terminadas

as preces não atendidas

o patuá quebrado

os filmes não assistidos

a moral baseada em estética

a insulina

as injeções três vezes ao dia

os cabelos brancos

as dores nas costas

os passos mais lentos

o alzheimer

o parkinson

os pesadelos de ninar

inútil igual a um pai

depois que o filho fica

adulto e vai viver

a própria vida.

você percebe que está na merda  
quando se relaciona com alguém  
não por amor,  
não por dinheiro,  
não por sexo,  
apenas pelo companheirismo



o *cut-up* nosso de cada dia

## supositórios de ópio

*eu sou eu mesmo quando defeco.*

### I

*< //head: >*

mil e cem procrastinações por segundo  
o prognóstico era: idiotice tipo B crônica  
incurável para uma morte a conta-gotas  
com cantigas de ninar jurássicas  
em templos astecas com penteados  
à laquê dos anos vinte

furtei um *bouquet* de rosas de estanho  
inoxidadas pelo sal marítimo  
da barcarola de marco polo  
em seu terno mercúrio  
e as ofereci  
como despacho as estrias ornamentais  
de afrodite calipigiana  
– nossa, elas são lindas,  
tem cheiro de merda seca!

visto que dentro dos templos religiosos,  
todavia quando um pastor peida feromônios,  
logo a multidão grita:  
aleluia, isto é *eau de parfum*!

estátua alguma de imperador possui valia

se a mesma não for esculpida  
por cocô de pombo  
porque os escaravelhos empurram suas fezes  
simbolizando o renascimento  
da excreção

radiografistas cancerígenos convidaram tumores  
para um jantar à luz de velas espectrais  
e o prato principal era  
suflê de sonho empalado ao molho madeira  
com perninhas de rã embaladas em algas  
vermelhas

idolatraram deuses com síndrome de *tourette*  
que observam anjos nus  
nas cabeças de alfinetes  
interrompendo a aula de bumbum granada  
para aprender a vigésima quinta sílaba  
do idioma burroughsiano

*[interrompemos nossa programação  
para apresentar os comerciais]*

0100011110100001000111110111  
1000010100010111010001110100  
bits de nanobytes,  
filósofo cibernético,  
filho da placa mãe  
que escrevia cartas em hexadecimal  
e, as vezes, as transcrevia  
em binário

o mundo é sua placa de petri em linguagem c.  
– isso foi tão profundo que senti em minha próstata.  
– bits de nanobytes é visceral  
os humanos só escrevem sobre dor  
e suas incertezas, a novela mexicana  
a repetição do vírus linguagem.  
– gosto de poemas sobre inteligência artificial  
sobre os diodos queimados,  
os transistores com defeitos  
a criptografia interrompida.  
– poemas sobre tela azul e reiniciação imediata.  
– lógico, só babacas utilizam palavras do século XVIII,  
acreditando que causarão comoção no século XXXI.

*[voltamos a apresentar supositórios de ópio]*

## II

*< //body >*

as estrelas são prostitutas purpurinadas  
fazendo ponto em um céu sem teto  
para um cafetão intergaláctico latifundiário  
de raios ultravioleta pincelados com vitamina c.

profetas banhados por lâmpadas de 40 watts  
rasgam as sílabas visando diminuir o nosso  
vocabulá...  
de modo ultrajante os pesadelos começam  
a plantar bananeira na praça da sé

isso é a metástase do cio em letras garrafais  
quando úteros divorciados são lobotomizados  
por paixões ressecadas de ginecologistas com  
tendinite patriótica

ela escreveu seu nome nas paredes do banheiro  
com sangue de menstruação

<o amor é uma frase de banheiro público  
durante a diarreia holandesa  
em uma disputa de banho romano  
porque ânus-romante é o vidente  
que faz previsões de futuro coloquial  
olhando para o formato  
das pregas do cu deformado.>

não jogue fora os jornais com notícias  
da semana que vem  
ventríloquos telepatas barram  
cidadão em frente a *pub* argentino  
bonecas infláveis apostam todo o ar  
em *strip poker* clandestino  
na praça *roosevelt*

*ne me quitte pas, ma chérie*  
*faire foutre*  
seus olhos de orgônio ensandecido  
e a voz de inquisição abreviada  
os lábios de mescalina protoplasmática  
e o sorriso topográfico  
esfarelado dentro da hipotenusa

adjunta da imoralidade

só de pensar em asfixia  
já tenho uma ereção

*< //loop >*

## 0800-não-fode em algum multiverso

sequestraram meu alter ego;  
assassinaram meu amigo imaginário.  
tirei o arcano seis  
e tava na cara que alguém iria  
se foder: minha amante  
morreu em um filme snuff  
– nossa sextape foi vazada  
no dia seguinte  
pelo mister “fap”  
e na missa de sétimo dia,  
cada vez que o padre quevedo  
afirmava: “isso non ecziste”  
– morria uma criança na áfrica  
por alguma doença que já deveria  
ter sido erradicada.  
o tarô da mãe diná faz previsões  
utilizando-se de psicologia reversa  
&  
você sabe que tempo é um vira-casaca.  
juliana não foi ao churrasco dos heterônimos  
de fernando pessoa,  
porque detesta muvuca.  
então  
decidiu que procuraria  
algo para odiar em frente ao espelho.  
sabrina só aceita ser manipulada  
pelo próprio cachorro.  
não, ela não curte zoofilia.

tomei prozac para amenizar  
essa síndrome de escritor fodido.  
josué mandou caixas de viagra  
para michel temer;  
este último veio a agradecê-lo  
roubando-lhe a dignidade.  
passei a não acreditar  
em militantes que não sabem  
usar coquetel molotov  
&  
por último,  
e nem por isso menos  
importante:  
neil armstrong deveria  
ter pichado a palavra: foda-se,  
na parte clara da lua



## barbelith

injaculei em seu útero tóxico  
sentados na borda oxidada do tempo  
para despertar sua kundalini  
as flores de plástico absorviam  
o monóxido de carbono  
expelido pelos nossos corpos  
e a fumaça de cigarro invoca fantasmas  
de tabuleiro *ouija*  
enquanto roubamos o espírito do rio ganges  
da uretra de Shiva  
sem que ele pare de dançar

você beberia o vinho do santo graal  
se o mesmo fosse uma latrina?  
jesus nasceu de uma virgem  
o anticristo foi defecado por um homem  
como paródia bíblica  
gestação prematura  
desafiando a ordem natural das coisas

não olhe para trás, orfeu  
para não se transformar em  
estátua de esposa de sal

beba meus demônios  
aprisionados na garrafa

poemas são escritos  
com fragmentos da exoalma

extraia o satélite de minha cabeça  
e esconda o tumor com *band-aid*  
descriptografando os genes  
binários de esperança torturada  
os acordes eletrônicos da caixa de pandora  
todo pensamento tornar-se-á real  
quando transarmos sob efeito de ácido

tic

tac

tic

tac

suas nádegas

São pêndulos com efeitos hipnóticos.

meu corpo não gera anticorpos

para o vírus palavra

sou um primata entalhando símbolos

numa caverna com intuito

de que no futuro alguém os atribua  
significados.

um artista sem nome

erradicado do cerne da mediocridade.

sua boca teria gosto de dom perignon

caso eu conseguisse descrever o gosto

nesse copo americano

não estranharia se buda falasse

palavrão

se o mesmo viesse da favela

você usa signo pra justificar  
as babaquices que faz.  
no fundo, cê não é cuzão por ser  
ariano.  
é cuzão por ser apenas um cuzão mesmo.

## robespierre, apresento-lhe a guilhotina

[DEFCON 4:

*derrubaram as torres de comunicação semântica  
o governo quer o verbo a todo custo  
e manda cartas de voto de silêncio aos civis.  
rebeldes saem marchando nas entrelinhas  
portando  
beretas líricas semiautomáticas com pentes de 9mm  
de mesóclise]*

– foder-vos-ei – plá-plá-plá!

<o que comprova o funcionamento da teoria do caos  
é o fato de que a fimose de luis XVI  
acabou resultando na revolução francesa>

*câmbio desligo*

vida:

senhor ninguém que veio de lugar nenhum  
caminhava com seus não-sapatos  
para a terra do nada, carregando  
um saco de ninharia

é muito simples, disse a avó:  
você faz um círculo com urina de travesti  
ao redor do berço do recém-nascido  
na lua cheia de uma sexta-feira,  
para afastar os fantasmas de neandertais

machistas

extra! extra! extra!:

vampiros sul-americanos traficam  
sangue contaminado pelo vírus nosferatus  
para clínicas de transfusão sanguínea

visando aumentar seu exército de sugadores  
ornitorrincos

– ornitorrincos, hã..., gostei da palavra!

você já teve overdose de algo hoje?

houve um surto trans-humanista no grupo  
de apoio pós-humano antropomórfico, porque fizeram  
recolhimento dos *smartphones*

– estou vendo aqui que você está em fase  
de abstinência, porque não haverá  
atualização para o seu sistema operacional.  
portanto, fiz *backup* de sua consciência  
e a mesma se manterá ativa  
dentro de um jarro, através de impulsos elétricos.  
apertando esse botão aqui  
você pode ter um orgasmo

– orgasmo, hã..., gostei da palavra!

– doutor, eu sofro de simbolismo, doutor.  
cada vez que espirro nascem unicórnios  
e quando descubro que aquele moinho de vento

não é um dragão, procuro outro moinho de vento  
para enfrentar

– enfrentar, hã..., gostei da palavra!

beba essa tinta de impressora, é meu sangue  
e devore a biblioteca, é minha carne

a miséria é mãe e você tem complexo de Édipo

o mundo alimentado por *feeds* de notícias  
introdução subcutânea de hipocrisia por osmose

pés edipianos interrompem o carteador *overdrive*:

– será que vou virar gay?  
– por que, cara?  
– meu padrasto abusou de mim dos 13 aos 17.  
– então, sorria, que hoje é seu 7 de setembro,  
o tribunal periférico sub-humano não falha.  
depois disso, você pode viver da maneira que  
achar adequado

bisturis amputam carne e do pneu se faz fogueira  
e da guarita onde os sonhos tornam-se obsoletos,  
órfão de esperança, eu, como um parasita  
em busca de um hospedeiro metálico  
fumava observando  
a comédia *dell'arte* sub-desenvolvida  
ao lado de meu assistente babuíno.  
fumava e observava  
fumava e observava

surgiram alguns versos  
fumava e observava  
fumava e observava.  
acabei esquecendo do poema,  
porque lembrei que preciso  
comprar ovos de páscoa.

## deltafosB

os cacos de avenida entram dilapidados  
em mim  
e os faróis de milha disparam *xenon*  
em meu peito tétrico, através das gotículas que  
serpenteiam feito enguias elétricas pela

[janela  
são dez para meia noite no relógio do fim do mundo  
e sinto vontade de escarrar os pássaros de muco, dos  
pulmões de barro em seus ouvidos de disenteria  
generalizada,  
para que existencialismo não venha a se tornar o apelido  
carinhoso da depressão,  
que cultivo com tanto carinho,  
evitando assim, as diarreias barrocas  
causadas pelas ressacas cartesianas  
e que os desejos jurássicos jamais padeçam  
de parvovirose..  
os fantasmas do armário praticam troca-troca  
na glande perolada dos preconceitos descartáveis. vê,  
enfia o prozac no cu e vai enfrentar a segunda-feira  
com seu vestido de fábulas imorais.  
com os fragmentos da sua teogonia ultrapassada  
e os bonecos de manjares,  
e a prótese da felicidade.  
o eterno retorno é o mantra pós-moderno da vida  
funcional:  
neozumbis cibernéticos



masturbam-se em rastilhos de fibra óptica em prol de um  
ócio em comum.

nós sempre cuspimos um pedaço de nós mesmos depois  
de engolir os sapos da vida

e ela sempre ri, sem bom senso, ridicularizando nossos  
órgãos genitais.

viver, é mesmo uma procrastinação infundável.

**a morte é uma garotinha gótica**

## shachath

a morte não faz concessões;  
não faz acordos, não aceita subornos  
e seu relógio nunca está atrasado.  
sua palavra é inexorável e definitiva  
como uma queimadura de ácido  
em um rosto nu.  
não é sangue de cordeiro  
em uma porta putrefata  
que irá poupá-lo.  
toda misericórdia é segregada.  
às vezes, ela própria se traveste  
de misericórdia.  
os apáticos dizem que ela nunca  
perdoará a vida por ter  
se apaixonado pela mesma.  
amor, família, sonhos,  
carreira...  
são tão perecíveis.  
são todos perecíveis  
como o acorde de uma música  
que já foi plagiada inúmeras  
vezes a ponto de se desconhecer  
o seu autor original.  
– até a ordem sucumbirá  
diante sua foice –  
coaxou o sacerdote antes  
de tropeçar e bater com a cabeça  
no púlpito no meio da missa.

entre um muxoxo e outro  
ouviu-se:  
a morte é o que o sono não conseguiu ser:  
uma garota gótica,  
de pele alva, mãos cadavéricas  
e lábios ressequidos,  
cantando o'death, de jen titus.  
ele disse que seu beijo  
tem gosto de decomposição –  
um pouco antes de fechar  
os olhos  
para  
sempre

## **é como a bomba de roberto carlos**

faltam só mais dois minutos  
a bola rola descarrilada de pé  
para pé  
faltam só mais dois minutos  
e o time adversário está se aproximando  
da área  
pernas, tendões e corpos suados.  
faltam só mais dois minutos  
e por ser final, todos estamos  
com roupas de mulher  
faltam só mais dois minutos  
e o goleiro não agarrou  
o chute de trivela.  
faltam menos de dois minutos  
e o árbitro apita encerrando  
a partida

burro, burro, burro!  
sua única função era marcar  
o atacante e mesmo assim  
você falhou.  
era pra você estar carregando  
a taça,  
comemorando o título  
e comendo aqueles pedaços gordos  
de bife besuntados  
com gordura  
até sentir pequenas pontadas

do lado esquerdo do peito

você observa uma multidão  
ao redor do rapaz  
que evidentemente deve  
ter roubado a bolsa  
de alguma mulher.  
você tenta evitar o linchamento.  
acredita na recuperação do ser.  
recebe um telefonema

a voz chorosa do outro lado  
da linha é familiar.  
você desliga o telefone  
e espera até sua chegada.  
espera até que os olhos  
dessa pessoa escaneie  
e reconheça o rapaz

espera até que ela dê o seu depoimento.  
essa pessoa é sua filha.  
a maquiagem escorre em seu rosto  
pequenino formando uma máscara de panda.  
você apoia as mãos em seus ombros,  
diz que tudo ficará bem  
abre a roda da multidão  
e dá o primeiro soco.  
e depois outro  
e mais um.  
ele já não estava acordado  
quando punho atritou contra

seus ossos pela quarta vez

## **eutanásia**

cerrei os punhos e dei  
contra a parede para não acertá-los  
no veterinário, quando ele disse  
que eutanásia seria a melhor opção

hoje não fui trabalhar,  
em vez disso, fui ao pet shop.  
na volta, passei no mercado  
e comprei aquela cerveja importada  
e os refogadinhos que você  
tanto gosta.  
afinal, meu grande amigo  
merece um brinde

hoje eu não me importaria  
se você mijasse na geladeira  
ou fizesse cocô no tapete  
ou rasgasse as almofadas  
da minha mãe  
e comesse papel higiênico  
e espalhasse minhas meias  
pela casa

à tarde, nós passeávamos  
pelo parque  
e na volta,  
pela avenida catleias,  
você



não estava mais aguentando andar  
e eu te trouxe no colo,  
e você lambia meu rosto

quando a agulha da seringa  
adentrou sua veia  
eu senti ganchos  
de açougueiro  
perfurarem meu coração.  
me senti um covarde  
por ter abreviado  
sua existência  
para poupá-lo  
de um sofrimento maior

tudo, tudo  
me faz lembrar você:  
abrir a porta  
e ver seu rabo abanando  
em felicidade;  
sua casinha...

chorei a noite inteira  
observando aquela foto  
do meu aniversário de três anos,  
quando fui presenteado com você

espero que você possa  
mijar em todas as árvores  
do paraíso

## **sonhei que deus era roberto piva**

sonhei que deus era roberto piva  
e o cu de rimbaud destruía o casamento  
de paul verlaine  
sonhei que deus era roberto piva  
e oscar wilde empurrava carroça  
pelas ruas de londres sob o pseudônimo  
de sebastian melmoth  
sonhei que deus era roberto piva  
e napoleão peregrinava  
pelo egito tentado refazer  
o trajeto de alexandre, o grande  
sonhei que deus era roberto piva  
e nietzsche enlouquecido pela sífilis  
tocava piano com os cotovelos  
sonhei que deus era roberto piva  
e vi a literatura fodendo muita gente  
que fala que literatura salva  
sonhei que deus era roberto piva  
mas roberto piva está morto

## **a distância entre zero e um**

todos os pecados são derivações de roubar

– está escrito em alguma

página de o caçador de pipas,

onde estiquei a última carreira na capa.

a chaleira apita dentro do acampamento

soldados marcham espancando

um rebelde haitiano

até se aproximarem de mim

desvendo seus olhos abrasivos

e o envergo com um chute

na fossa poplítea.

vai querer morrer de pé ou de joelhos?

quais são suas últimas palavras?

*“je n'ai jamais supplié pour la vie,*

*et ce n' est pas maintenat que je le ferais.*

*fais ce qu'il faudra”*

e cospe em meu rosto

o cão se contorce com o meu polegar

minha mão treme

penso em armas geofísicas

nas guerras religiosas pós-modernas

os gritos de ojeriza

do mundo contra os ritos africanos

a imagem da igreja derrubada pelo terremoto

onde a cruz permanece de pé  
“foi um sinal divino” – alguém diz.  
sou engolido pelos olhos  
de uma criança agarrada às saias da mãe.  
respiro, reluto  
e o farfalhar das asas dos  
pombos causados pelo disparo  
soam feito aplausos da multidão.  
uma criança chora.  
a distância entre um e dois  
é bem menor que a distância entre zero  
e um.  
você fica mais suscetível a cometer  
o mesmo erro depois da primeira vez.  
há mais mortes em meu currículo  
que celebrações de aniversários  
e todas as noites aqueles malditos  
olhos  
assombram-me  
porque roubei o direito  
de uma criança  
de  
possuir  
um pai.

## **mindscape borderline**

*“Que dias há que n'alma me tem posto  
um não sei quê, que nasce não sei onde,  
vem não sei como, e dói não sei porquê.”*

– **Luís Vaz de Camões**

*deve ser o primeiro sintoma...*

a luz reflete no .38 cromado  
em cima da mesa  
que dispara hologramas de sol  
enferrujado em meus olhos.  
há cicatrizes nos pulsos  
presos com *silvertape* nos braços  
da cadeira.  
o carrasco coloca luvas de couro  
nas mãos com unhas ruídas  
e envolve minha cabeça em sacos  
plásticos que encolhem  
a cada tentativa vã de respiração.  
vozes são diluídas  
em *flashbacks* devorados  
por dentes turvos.  
desperto estapeado por  
baldes de água fria.  
ele coloca um cigarro em meus lábios  
e o acende

na expectativa de que relaxe,  
depois insere o dedo  
no ferimento do ombro  
e joga na cara os paliativos  
as drogas ilícitas  
o sexo por impulso  
as desculpas para automutilação  
a súbita mania de abandono – às vezes  
imaginária – a ânsia  
de achar que o limite atingido  
nunca é o suficiente  
e que poderia ter feito melhor;  
os relacionamentos destruídos  
por conta do humor instável  
e a facilidade de manter  
as pessoas por perto,  
manipuladas pela minha história  
de vida.  
o carrasco remove sua máscara  
e tem um rosto parecido  
com o que vi no espelho  
enquanto retocava o batom  
hoje de manhã.  
ele solta meus braços e propõe  
trégua  
assinamos o maldito tratado de paz,  
apertamos as mãos,  
mas sei que quando  
virar as costas,  
ele há de atirar

## romantismo *gore* ou o sal das rochas

imagina você e eu  
recebendo a extrema unção  
do traficante  
os cabelos desganhados  
a sola preta dos pés  
nossos genitais cheirando  
a polenguinho  
e a boca com gosto de chorume.  
cobertos por estrelas  
sobre os papelões da indiferença  
aquecidos pelo corote  
e recolhendo bitucas recém atiradas  
do chão.

imagina você e eu  
e a elefantíase  
trocando nossas alianças  
e dentes por pedras de crack  
empenhando nossos bens,  
largando nossos empregos,  
estudos,  
família,  
roubando pedestres  
e fazendo sexo oral em estranhos  
que financiam nossos vícios.

imagina você e eu  
escutando vozes estranhas  
e vendo bichos dentro  
da utopia e da paranoia  
e quando ele disser:  
pode beijar a noiva  
eu a esfaqueio  
porque usou toda minha  
droga escondida.  
imagine, apenas imagine...



## **estripador do paraguai**

ela reluz iluminada pelos  
postes quando nossa respiração  
passa a ser fumaça que vai  
diluindo no ar  
e entra quente e cortante  
depois se retorce  
repetindo o mesmo movimento  
algumas vezes até  
sair manchada de vermelho  
com estilhaços de vísceras  
dependuradas contra  
a mão que as apoia.  
logo é limpada  
em um pedaço de pano velho  
que imediatamente é atirado  
a um bueiro.  
após revistar o corpo,  
e roubar os vinte reais  
que estavam em sua carteira,  
eis que alguém diz,  
ao ler os documentos:  
– caralho, matamos a pessoa  
errada.  
– foda-se, recolha tudo  
que possuir valor

e limpe as digitais.

## o dia em que a exceção virou regra

deixei o copo plástico cair,  
derramando  
café quente em minhas calças  
depois que abriram o porta-malas.  
os olhos do refém amordaçado  
eram um misto de dor, medo, insegurança  
e acima de tudo certeza.  
certeza  
que esta seria a última vez  
que veria alguém.  
eles falam que você,  
por ser novato, precisa concluir  
o trabalho sujo, provando  
que pertence ao time.  
que esse cara, todo cagado,  
ensanguentado e mijado  
no porta-malas  
é testemunha  
de uma transação muito perigosa  
entre nós – policiais –  
e os traficantes.  
e que, se por ventura,  
desse com a língua  
nos dentes,  
a merda espirraria no  
ventilador.  
você hesita, dá três passos

para trás.  
então, um dos seus parceiros  
fala que sabe que  
a jéssica sai do trabalho  
às sete, no máximo sete  
e dez,  
e que pega o ônibus  
em frente aquela banca  
de jornal, as sete e meia.  
que sua mãe joga bingo  
todas as quartas,  
e que, em um dia ruim,  
o felipe, poderia vir  
a ser sequestrado,  
saindo da escolinha.  
o peito pesa,  
deve ser angina.  
deve não, é angina.  
a mão transpira,  
ansiedade gritando nos  
ouvidos feito um sino  
que não para.  
você pede um cigarro  
e lembra  
que há alguns anos  
teve que optar entre  
fumar e pagar os xerox  
da faculdade  
e este último acabou vencendo  
ainda que goste do cheiro  
de nicotina

e da sensação da fumaça  
arranhando a garganta.  
tosse como se esta  
fosse a primeira vez.  
você faz o sinal da cruz  
e pede perdão  
antes de cometer o pecado.  
puxa a testemunha  
pelo braço e sussurra  
quase sem mover a boca:  
“depois que eu atirar,  
você se joga morro abaixo,  
o mar está bravo  
e lhe dará certa vantagem.  
não ouse voltar  
a pisar neste estado  
em vida”  
as gaivotas batem asas  
assustadas,  
o tiro passa de raspão em uma  
de suas orelhas  
e um corpo cai,  
evitando as rochas.  
meus colegas de trabalho, aplaudem.  
se não virar comida  
de peixe,  
espero que não volte  
a pisar aqui.  
vou chegar em casa,  
abrir uma cerveja como  
há muito não faço,

abraçar jéssica,  
beijar felipe  
ligar para mamãe  
e fingir que está tudo bem.  
espero que não saibam  
o monstroque  
me transformei

## olhos invertidos de górgona

eu conheço esses olhos.  
eu conheço a angustia desse olhar  
e, por mais que tente esconder  
tudo através da arrogância,  
você está desesperado.  
está desesperado a ponto de  
validar-se por intermédio de psicologia  
reversa.  
você fala meia dúzia de merdas,  
ferindo a autoestima alheia,  
de modo que, acredite piamente  
que está motivando os demais,  
mas eles não moveriam uma palha por você.  
você tem os olhos de alguém  
que já morreu, abandonado  
pela auto confiança  
e que já não possui a barra  
de saia da mãe para recorrer.  
você está morto, morto, morto  
mortinho da silva  
esperando apenas o *off* do aparelho  
para que o legista possa emitir  
o laudo médico.  
é o vício do enxadrista experiente  
que acha que não pode ser derrotado  
& fica sacrificando  
& sacrificando  
& sacrificando os peões a esmo

como se pudesse erigir uma muralha  
de corpos que impedisse sua ruína.  
eu já disse que conheço esse olhar?  
esse olhar de camaleão engaiolado,  
camuflado de prisioneiro  
do próprio ego.  
olhar de capitão que foi jogado no bote  
salva-vidas e pôde ver seu navio  
afundando & afundando & afundando  
sem fazer nada,  
porque o objetivo do covarde  
é apenas salvar a própria pele.  
jamais esquecerei desse olhar,  
porque esse olhar  
esse olhar  
é igual ao de todos os homens  
que estão com a corda no pescoço  
um pouco antes de abrir  
o cadafalso



rito de evocação a  
yulia martins

## **o poema que deu título ao livro**

aja duas vezes sem pensar  
antes que a responsabilidade  
se transvista de inferno  
assuma que é vira-lata  
implorando por biscoitinhos de dopamina  
roube a muleta de um deficiente físico  
e empenhe na biqueira  
transe com a mãe de um traficante de drogas  
seja ameaçado de morte  
ameace quem te ameaçou e sobreviva  
forje sua própria morte  
espere a poeira baixar e vingue-se  
pare de fumar e volte a fumar inúmeras vezes  
divida seu último cigarro com um morador de rua  
aprenda o que é lição de vida com as travestis  
adote um animal,  
pode ser uma capivara mesmo, caso seja alérgico  
a gatos e odeie latidos  
peça as contas do emprego mesmo sem ter outro em vista  
gaste todo o seu fundo de garantia  
que estava destinado ao noivado  
com jogos, bebidas  
e por favor, não esqueça as mulheres  
deixe-se iludir  
e deixe mais claro ainda saber que está sendo  
iludido  
desta forma, quando estiver enjoado  
terá todo o direito de mandá-la à merda

sinta aversão aos poetas que utilizam  
palavras de finais de semana ou feriado  
queime seu último poema  
porque ficou uma bosta  
queime o penúltimo também pelo mesmo motivo  
vá ao culto de domingo  
e finja estar sendo possuído  
só para revelar os pecados do pastor  
crie uma religião ultrassecreta  
a ponto de que só você a siga  
torne-se um messias fajuto  
e guie uma multidão ao abismo  
só para que o culpem de seus insucessos  
e passem a seguir outro messias  
porque eles nunca sabem o que querem  
rebanhos precisam de líderes  
com a humanidade não seria diferente  
dessexualize sua ex  
sinta saudades das calcinhas dela penduradas  
na parede do banheiro  
enquanto ela tomava banho e escrevia  
seus nomes e desenhava corações  
com o vapor do chuveiro no box  
e você cagava e ria de tudo aquilo  
beba demais e comece a vomitar  
estragando o chá bar  
de noivado da sua prima  
estrague a festa junina de família  
utilizando o mesmo método  
deixe o aluguel atrasar  
suje seu nome

faça um retiro espiritual  
regado a sol, mar, cerveja  
camarão e sexo três vezes ao dia  
não precisa ser especificamente nesta ordem  
coloque uma tarja preta nas fotos de comida  
do *instagram* em nome da fome  
coloque uma tarja preta nos palhaços  
de academia erigidos a frango com batata doce  
que exalam testosterona e são incapazes  
de manter uma ereção devido aos anabolizantes  
coloque uma tarja preta no sol  
se algum dia, este puder vir a soar ofensivo  
faça amizades com vampiros psíquicos  
envolva-se em relacionamentos tóxicos  
faça filhos radioativos  
supere a burrice de seu pai  
supere a falta de paciência da sua mãe  
nunca deixe seu estoque de foda-se se esvaziar  
e quando aceitar o fato de que é estupidamente humano  
e que morrerá sozinho  
estará pronto para vencer qualquer coisa

## os erros da senhora r

a noite cai como um sutiã  
que ao ser tirado deixa a marca  
das alças na pele nua  
e você encara meus mamilos  
como se fossem o busto da deusa diana  
era pra ter sido só uma taça de vinho  
mas acabei enchendo o rabo com  
aquela garrafa de quarenta contos  
e foi assim que descobri que lábios  
femininos são mais macios  
a gente pendura as roupas no varal  
e vive à espera de pretextos  
para extravasar  
acho que até o pão seco de ontem  
tinha mais gosto que as migalhas  
desse seu amor mal passado  
e que o estereótipo: marido e mulher  
deveriam ser mais fortes na cama  
só que existe um muro  
do seu lado do travesseiro  
a noite cai como a calcinha de uma puta  
que se insinua para o próximo cliente  
e acho que não gosto mais de homens  
pelo menos não  
enquanto nossas silhuetas se devoram  
na parede  
e esqueço que tenho filhos  
e você me desarma acariciando

meu clitóris com a própria boca  
e já nem penso que sou o sapato emborcado  
no quadro de van gogh  
ou o artista que tenta pintar  
o autorretrato sem olhar no espelho  
e se esquece que tem alzheimer  
sua voz derrete a cera dos meus ouvidos  
como safo fazendo beijo grego  
pela primeira vez em uma discípula.  
a noite cai como seus olhos revirados  
enquanto esfrega sua boceta na minha  
rosnando igual cadela no começo de cio  
que repele o macho  
e de propósito se tinge de pecado  
o orgasmo é perfeito e atemporal  
igual o david  
de michelangelo  
depois pede que urine em seus pés  
e o relógio nos obriga a se despedir  
porque preciso preparar a lancheira  
das crianças.

## dicionários dos problemas

o problema é que aprendemos  
o que é masturbação,  
antes de descobrirmos o que é o amor.

e tudo nos foge  
antes de ser corrompido  
e tudo nos desgasta,  
justamente por ser incapaz  
de rasgar-nos a alma  
a verve  
a razão  
minha boca é *chernobyl*, baby  
e você busca floreios

tenho o caos atravessado na língua  
e estarei de costas para o sol  
vestida de indecências,  
radiativa,  
lúdica  
como uma tempestade fora de época

o problema é que o mundo  
é uma *showgirl*,  
que errou os passos

na hora da apresentação  
e levantou-se irada,  
erguendo o dedo médio  
para aqueles que ousaram  
vaiá-la

o problema é que perdemos  
muito tempo  
insistindo em causas  
perdidas

o problema, bem, o problema  
é que eu adoro inventar  
problemas  
e depois, acabo me divertindo  
com eles.



## legítima defesa

na primeira vez,  
disse que caí da escada  
e  
fui trabalhar com os dentes frouxos  
e o corte no supercílio.  
abraçei suas desculpas,  
porque você me amava  
e prometeu que não aconteceria  
novamente.

na segunda vez,  
minha mãe desconfiou  
que o nariz quebrado  
e a roxidão das pernas  
não tivessem sido apenas  
um tombo, enquanto lavava  
o banheiro,  
mas eu precisava manter  
as aparências,  
porque manter as aparências  
eram mais importante  
e a convenci do contrário.

na ultima vez,  
bem... não houve uma ultima vez.  
quando chegou frustrado do bar,  
porque seu time havia perdido,  
e, sem motivo, levantou uma das mãos

para mim,  
abri a gaveta, onde guardava  
seu .38 e cravei-lhe  
duas balas no peito.

desde então,  
sinto um puta alívio  
por não precisar  
contar desculpas para eu mesma.

## **confissões num quarto em roma**

é tão estranho isso;  
essa coisa de que futuramente  
ela amará outra pessoa  
e que serei reduzida  
a uma experiência negativa.

que sentirá a mesma  
insegurança de começo  
de relacionamento  
e  
falará sobre os livros  
que gosta e seus autores  
favoritos  
os filmes que já deve  
ter assistido umas  
vinte vezes e que sempre  
é surpreendida  
e chora no final.  
tudo isso enquanto ajeita  
uma mecha que escorre  
pelo rosto.

o cabelo amarrado  
em rabo de cavalo,  
quando está próxima a menstruação  
as ligações de mais de meia hora.  
a necessidade de tagarelar

após o sexo  
e rir daquelas piadas sem graça  
– tão sem graça, que acabam  
sendo engraçadas.

queria te entregar todos aqueles monologos  
que ensaiei em frente ao espelho,  
dos quais nunca tive coragem de dizê-los.  
é uma pena!

eu te vi ontem, no estacionamento,  
com umas sacolas em cima do carro,  
para abrir a porta.  
você aparentava estar tão bem,  
tão bem,  
que desejei não incomodá-la.

## vestido fucsia

ontem, nós só queríamos  
ser adolescentes fúteis,  
desenganadas pelo destino,  
fumando escondidas, atrás  
da escola  
ou  
irrompendo o rosto  
entre uma careta e outra,  
enquanto bebericávamos  
aquilo que não parecia  
– nem de longe –  
ser o que chamávamos de vodka.

ontem, estávamos dispostas  
a exceder nossos limites  
e passar números falsos  
para as paqueras  
ou buscar qualquer subterfúgio  
que nos afastasse  
das responsabilidades.

ontem, levamos a sério  
a frase: "nascidos para morrer"  
e você disse umas  
verdades, sobre  
a mentira que era  
o seu relacionamento

e o peso que carrega  
um status.  
e depois complementou  
que não queria  
morrer sem carregar  
nenhuma cicatriz.

ontem, bem, já havia passado  
da meia noite  
e te encontrei no banheiro,  
sendo engolida pelo vaso  
com o vestido cheio de vômito  
e segurei seus cabelos.  
e chamei um táxi.  
e te levei para casa.  
e removi suas botas,  
deixando-a com suas meias  
dormindo em minha cama.

e hoje, quando acordou  
se queixando da dor de cabeça,  
eu a silencieei com o  
indicador entre os lábios

e por alguns instantes,  
o mundo pareceu púrpura.

você estava tão linda, ontem...  
clarice.

## **o amor é um boleto vencido**

eu percebi que te amava,  
naquela véspera de feriado insone,  
quando pela manhã,  
o despertador havia emudecido  
e o céu estava de turbante  
para esconder os seus cabelos louros.  
percebi que te amava,  
na fila do pão,  
enquanto a atendente  
assistia as rodovias engarrafadas  
pela tevê  
e acabou me dando  
algumas moedas à menos,  
das quais só dei conta,  
quando faltou dinheiro  
para o ônibus e tive que descer  
pela frente.  
percebi que te amava  
quando o porteiro havia me cantado  
e o salto quebrou – maldita 25 de março –  
a ponto de ter que subir para o escritório  
mancando, com aquela cara de paisagem.  
percebi que te amava,  
na hora do coffeebreak,  
quando tiramos uma self  
e notei que havia pedaços  
de coxinha presos em meu aparelho

ou quando fui escovar os dentes  
e acabou caindo creme dental  
em meu blazer.  
nesse momento, engoli  
o orgulho e tomei a decisão  
mais importante da minha vida:  
liguei para você.  
o amor, nem é uma brastemp;  
as vezes, se parece com um boleto  
vencido  
que a gente lembra de pagar.



## conte até zero

vazio é uma constante dúvida  
que  
pirraceia qualquer razão pertinente.  
o vazio é  
o negativo de uma fotografia  
amputada  
da  
paixão

é o caos batendo punheta antes da cosmogonia,  
o alicerce para o desassossego.  
é um alimento contínuo para a ignorância  
que seduz com seus manjares  
&  
conformismo

é  
até mesmo a encarnação do cinismo  
em um demônio cubista  
que só compra sua alma  
depois de receber um beijo grego  
no cu sujo de bosta

é a raiz quadrada de qualquer filosofia  
em estado bruto.  
o vazio, e somente o vazio,  
tem deitado em minha cama  
e roubado meu cobertor,

servindo café requentado  
e oferecendo os pães de ontem  
para minha enxaqueca  
em cada uma daquelas manhãs  
que queria que  
desgrudasse da sola dos meus  
sapatos  
já erodidos

o vazio tem me feito  
viver só por teimosia  
e segurando as mãos  
de cada idoso abandonado em um asilo  
e limpado a bunda com qualquer carta de amor  
que me julguei incapaz de entregar  
ao destinatário.  
e as vezes queima  
com um maçarico  
os pássaros sufocados em meu peito

está por trás de cada sentença  
proferida por um juiz  
que bate um martelo  
&  
tem o gosto do alzheimer  
que não sei se tive  
misturada a ressaca dos antidepressivos  
que não tomei  
é cada pai ausente  
que acredita que pode suprir afeto  
com um brinquedo em data comemorativa.

## necrossemântica

se o tédio tivesse um apelido carinhoso  
seria domingo à tarde...  
minha inspiração trancou-se no quarto  
apenas de camiseta e calcinha  
e se recusa a abrir a porta  
porque deixei uns poemas queimar  
no forno.  
esmurro a matéria inanimada  
que separa os cômodos  
até que meus punhos fiquem em carne viva  
e ela grita rogando uma praga

disse que tudo que eu definisse  
logo deixaria  
de existir

ignoro a praga enquanto a cerveja exorciza  
o deserto em minha garganta  
então escrevo:  
tak tak tak tak  
o pecado original foi um *ménage*  
*a trois* que adão e eva fizeram  
com a serpente samael  
embaixo da árvore do conhecimento.  
caim e abel eram gêmeos  
filhos de uma gravidez heteropaternal.  
– é engraçado como algumas páginas de gênese

estavam em branco quando terminei de escrever

a segunda vez foi com leda,  
adorava o movimento circular  
de seus lábios  
quando abria o sorriso.  
depois que lhe contei  
o  
significado  
de seu nome  
ela nunca mais sorriu

teve também aquela garota  
que depois de lhe explicar o que era amor  
ela disse que não conseguiria amar alguém.  
isso não quer dizer que sinta ódio  
dos demais  
apenas que é indiferente ao sentir

ah  
eu também consegui curar um amigo  
que era aidético  
utilizando a mesma metodologia;  
dei visão a um cego  
e consegui explicar o porquê azul  
era azul  
depois vi que não existia azul  
era sempre meio verde  
meio preto, jamais azul

a convicção é como a desgraça exaltada

em primeira pessoa  
todo mundo pensa que sua dor  
é a mais intensa  
todo mundo cria um significado  
peculiar para a sua  
só que a convicção é como a última  
cena de um filme pornô  
que você nem precisou assistir  
e já sabe como termina:  
o ator ejaculando na boca  
da atriz  
porém, desta vez  
ela cuspiu tudo em sua cara,  
assim é a convicção

venho sofrendo de mal de poesia  
fui expulso da igreja da resignificação  
e não consegui trazer  
a terça parte dos arcanjos da semântica  
comigo  
a existência passou a ser  
a vida definida pela boca dos outros

hoje vi uma foto de quando era bebê:  
os olhos castanhos acinzentados,  
os lábios carnudos  
o nariz de batatinha  
que agora mais parece uma batata doce  
o queixo duplo  
desvanecido ao decorrer dos anos  
sobre a cama de lençol rosa

instantaneamente a fotografia desapareceu  
restando apenas o quadro vazio  
em minhas mãos

ao visitar minha mãe  
ela afirmou não saber quem eu era  
acho que deixei de existir

### ***babalon***

sou o pesadelo que você não teve coragem de ter

poupe-me desses amores  
inocentes e úteis  
que não condizem com o  
mínimo de verdade

poupe-me desses floreios  
bonitos e insignificantes  
desse linguajar obtuso  
cheio de intenções de  
quinta categoria.  
dessa metáfora quadrada  
que desmonta as nossas utopias.  
dos ferrolhos das obrigações  
inexistentes

eu quero o pecado tingido  
de hemoglobina  
os dentes serrando os lábios inferiores

o gosto de sangue pulverizado num beijo

quero a indecência de cavalgar  
sobre a besta do apocalipse  
quero ser a prostituta da babilônia,  
bebendo o sangue dos santos  
no crânio dos deuses mortos

quero fundar meu prostíbulo  
sobre o fóssil decomposto  
da igreja da hipocrisia  
quero roubar seu êxtase  
devorar sua fome  
nas vértebras da inconstância  
beber seu desejo  
e arrotar obscenidades

quero sapatear sobre seu  
ego com salto 15

e da janela do apartamento  
contemplar sua desgraça

## **cogumelos distópicos**

andei falando de mim em terceira pessoa,  
numa necessidade vã de não me pertencer;  
numa necessidade vã de ocultar  
minhas vergonhas

minhas ex, casaram-se.  
formaram-se  
&  
tiveram filhos.  
isso remete a ideia  
de que não faço a menor falta em suas vidas

mas,  
porra, hoje senti uma saudade  
das suas nádegas aquecendo  
a poltrona do ônibus.  
dos sorrisos e olhares entrecortados  
pelos passageiros,  
que vez ou outra esbarravam em mim.  
– alguns pediam desculpas,  
outros não

saudade de ouvir a lâmina  
de barbear sendo batida  
contra o box do banheiro,  
como presságio  
de uma noite de amor intensa,  
enquanto te aguardava



ansiosa,  
no sofá

de ficar tal como uma criança de castigo  
sentada num banquinho de canto  
observando você experimentar roupas  
& mais roupas  
e em seguida afirmar pela enésima vez  
que ficaram legais os vestidos.  
ao contrário do que imagina,  
você não está gorda

e se estiver, bom...  
isso não me incomoda de jeito algum

saudade das viagens que planejamos  
e nenhuma pôde ser concretizada;  
de escolher o nome dos filhos  
que não conseguimos adotar

talvez isso seja entropia:  
quando você foi embora,  
voltei a ser o que era...  
vazia

## **o universo são seus esfínteres se contraindo**

a silhueta é provocante  
e eu careço de detalhes  
minha mortalha predileta de desejos obscenos, pueris,  
fisiológicos, humanos.  
meu gozo de cio a açoitar-me à noite  
em metástases de caos prazeroso  
amordaça-me o ego  
sê deglutido  
por luxúria espasmática:  
um troca-troca entre os dedos  
poeticanimal  
meu violão sem cordas  
a sinfonia do eu em ré maior  
a dedilhar-me o sexo  
a compleição do ápice  
o espelho convexo de hastes alaranjadas  
o orgasmo em silêncio  
o vazio do outro lado da cama

## com a cara onde o mundo defeca

ela teve uns três ou quatro pensamentos e meio  
que colidiram com seus sonhos autofágicos  
antes de levantar da mesa, abandonando metade  
do prato de medalhão *coquelicot*.

– não vai comer de novo? que desperdício!  
– se se importa tanto com isso, doe aos necessitados.

ela sobe as escadas  
saltando de dois em dois degraus  
como uma sacola soprada  
pelo vento que desfila  
por entre os carros  
da avenida engarrafada  
entra em seu quarto e tranca a porta.

ela ofega insegura  
enquanto se despe.  
seus olhos grandes e verdes  
escaneiam o espelho

que  
imediatamente projeta  
dois minúsculos seios róseos  
e siameses  
esculpidos em costelas  
retráteis  
os joelhos protuberantes  
as pernas finas  
os pelos púbicos  
que esquecera de aparar  
um exoesqueleto revestido

por uma camada rala de pele  
ela se sente gorda  
ela sente repulsa do que vê  
seus pensamentos rodopiam  
em espiral como a água  
suja que é devorada  
pelo ralo da pia.  
ela insere um ou dois dedos  
na garganta até  
que seus dentes  
beije os punhos arranhados  
e a resposta é imediata:  
com as costas das mãos  
remove os resquícios  
de vômito que desenhavam  
um bigode postiço acima  
de  
seus lábios.

– agora me sinto melhor – ela diz  
saindo da frente do espelho  
e deitando na cama.

## converse marrom

só quem já flertou com vitrine  
sabe o que é amor não correspondido.  
hoje lembrei do *all star converse* marrom,  
aquele que namorei por mais de um mês.  
aquele que foi manchado no dia seguinte  
à compra,  
porque meu gerente pediu que lavasse  
a loja  
e sarja e cloro são uma combinação perfeita

não bastasse os clientes chatos,  
a obrigação de ser simpática  
o cabelo estar bem penteado  
o rosto mais colorido que uma arara  
e sorrir como ator de propaganda  
de creme dental  
– mesmo quando sua autoestima  
não colabora

não bastasse faltar apenas  
três dias para o fechamento do mês  
e não ter vendido metade  
do que deveria;  
a pegação no pé,  
o fim do namoro.  
só falta a menstruação atrasar  
para concluir a praga

não bastasse meu ex ter  
sido enquadrado enquanto dirigia  
meu carro  
e o policial, por falta  
de motivos para advertência,  
quebrou uma das lanternas  
para poder aplicar uma multa  
de modo que,  
serei obrigada a voltar  
de ônibus

foi quando a vi,  
inquieta,  
fumando e olhando para o relógio  
*(as letras f-u-c-k*  
*tatuado nos nós dos dedos*  
*parecia sugestivo)*

ela pede para que segure  
sua bolsa, enquanto  
amarra os cabelos  
e vejo seu nome no crachá  
por causa do zíper entreaberto  
*(claudia, as palavras*  
*escorregam pela minha*  
*língua e tocam o céu*  
*da boca)*

nossos dedos se tocam  
acidentalmente  
*(eu a quero,*

*mas não sei se teria  
garra para enfrentar  
o preconceito dos meus pais)*

*ela agradece  
(aqueles olhos semicerrados  
acompanhado de um leve  
sorriso me compram  
antes que eu mesma  
me ponha à venda)*

*respirei  
criando coragem para  
puxar assunto*

*ela deu sinal,  
o ônibus parou  
abriu as portas,  
e foi embora*

*cheguei em casa  
com a mesma sensação  
de quem desperdiça  
a melhor oportunidade  
da vida*

*talvez o amor seja um tênis  
manchado e algumas palavras  
não pronunciadas*

## ***grand jeté* entre um abismo e outro**

é sobre meus dezesseis romances inacabados  
e um fim shakespeariano... é sobre redenção.

é sobre a trégua dada a si mesmo.

sobre a tendinite que te impede  
de fazer o que gosta.

sobre minha imaturidade em lidar  
com as emoções humanas, de modo  
que, sinta a necessidade de tapar  
o sol com a peneira.

é sobre dar nome de pessoas  
às minhas aftas, só reforçando  
o quanto elas incomodam.

é sobre inventar uma desculpa  
para ser infeliz.

decerto, sabemos, a alma  
de um poeta são como pés de bailarina:  
disforme e machucada

– eles apreciam os versos e mastigam a dor.

mas eu joguei as sapatilhas fora.

se tiver que dançar, dançarei descalço.

p.s.: hoje assisti à giselle e me emocionei



## **a turbulência de van gogh, segundo heisenberg**

é sobre abnegar algo que outrora fora motivo de júbilo.  
instantes remanescentes  
encadernando demônios que fraturaram a exoalma  
de poeta.  
é uma licença *premium* para a felicidade  
ou mastigar noites a fio  
com os olhos coroados por pérolas  
salgadas.  
a gira de sexta ou minha propensão  
hipocondríaca à síndrome de tourette.  
delírios oxidados nas marcas  
de batom que mancham o peito.  
é como se eu fosse uma sinapse  
coordenada por impulsos elétricos  
ou nervos clitorianos comprimindo-se  
durante um orgasmo.  
é falhar na vida  
por tê-la dedicado a você, literatura

## **analfabetos emocionais**

é um grito de socorro no corredor  
da morte,

de uma maneira tão  
subversiva  
que faz o carrasco poupar a alma  
do condenado.  
o choro de um recém-nascido  
que deflora a noite  
e tentamos tapar nossos tímpanos  
com a ponta do indicador.  
essas vozes dentro da minha cabeça  
que ignoram todos os conselhos  
de mãe e abandona o agasalho  
por pirraça.  
os neons da puberdade,  
sonhos fagocitados.  
os lisérgicos que educaram  
toda uma geração.  
é ficar inebriado com o poder  
de sentir a morte e a vida  
pulsando nas palmas das mãos.  
é um deleite iminente:  
escrever é gozar na boca

do absurdo

## sobem os créditos

as pipocas estalam nos molares  
dos casais mais abastados  
que diluem o espectro de imagens  
em goladas enormes  
de refrigerantes *diets*.  
ela lambeu meus dedos  
um por um  
e quando chegou ao médio  
inseriu-o bruscamente  
deslizando pela língua  
até tocar os lábios umedecidos  
e ao retirá-lo um filamento  
de saliva o mantinha conectado  
a sua boca

ela o lambeu novamente,  
depois de revirar os olhos,  
e contorcer os joelhos  
naquela poltrona roxa  
– porque sei que  
seus pés ficam dormentes  
após o orgasmo

ela terminou de lamber  
o resíduo do seu gosto  
de cio que ficara impregnado  
em meus dedos  
com marcas de aliança

e voltou seus olhos  
contra o telão,  
onde já subiam os créditos

ela  
ajeitou o vestido  
encheu a mão de pipoca e  
sussurrou:  
semana que vem  
a gente precisa voltar  
aqui,  
porque quero saber como  
o filme termina.

## poesia de cinzeiro para não fumantes

o cinzeiro cheira a rebeldia,  
cheira a vandalismo contra si mesmo.  
cheira a ansiedade & decomposição  
dos sonhos.  
cheira ao *after sex*, obliteração  
em prazer ou fingimento.  
cheira a paciência de uma noite

inteira diluída em uma conversa  
sem sentido, só para poder  
tocar aqueles lábios besuntados  
por cerveja vendida em micro mercearias.  
o cinzeiro é uma fênix pós-moderna:  
quantos projetos e relacionamentos  
foram iniciados ou terminados  
após um cigarro?  
a ressurreição do vício  
cheira a câncer, demência,  
tuberculose.  
mas também cheira a gozo,  
porra, saliva, batom,  
cabelos, ascensão,  
vitória, garrafas abertas,

cocaína, vingança  
e acima de tudo, autonomia.  
há quem veja derrota iminente.  
eu vejo um estilo de vida  
sendo aspirado a cada minuto

## **o canto dos cisnes**

as estrelas estão cansadas  
de guardar segredos.  
veja bem, perfeição é o estágio  
que antecede a morte.  
parece ironia, quando  
digo que as coisas  
serão perfeitas, um pouco  
antes do término

e a nossa transa havia  
sido tão perfeita,  
tão cheia de tato,  
tão perfeita – não que as outras  
não tivessem sido – que temi  
que esta fosse a última

e você perguntou:  
o que eu faria se não fosse  
você em minha vida?  
e eu respondi que  
se não estivesse com você,  
provavelmente, estaria com outra.  
e seu rosto murchou  
feito uva passa;  
virando-se para o lado  
&  
cobrindo-se com os lençóis  
de percal,  
passou a noite inteira



sem sequer,  
pronunciar uma palavra

verdade, talvez eu estivesse  
com outra.  
talvez minhas condições financeiras  
estivessem melhores.  
talvez eu tivesse sido  
até mesmo, mais fiel.  
entretanto,  
ler *habibi*, assistir  
os filmes de gaspar noé  
ou mandar aquela simples  
mensagem de bom dia,  
entre um intervalo e outro  
da faculdade,  
não teria sido a mesma coisa,  
sem você  
e se o nosso fim, for condicionado  
por alguma bobagem do tipo,  
espero que saiba,  
apenas saiba  
que as estrelas suportam muita  
coisa antes de explodir  
e antes que eu me esqueça:  
foi perfeito estar  
com você.

## as valquírias nunca dizem seus nomes

ela engoliu a seco  
e mostrou a língua  
como o protocolo ordenara  
depois selou seus lábios aos meus  
feito uma artista que  
assina a própria obra.  
sentou-se na cama revirando  
a bolsa em cima da cômoda  
em busca do último cigarro.  
ela acende, traga,  
solta a fumaça pelo nariz  
e me passa o careta.  
sinto o gosto  
de nicotina adocicado  
pelo seu batom  
e é como se *chevettes*  
fizessem cavalinhos de pau  
dentro do meu peito.  
ela deita em meu ombro  
&  
fico acariciando seus cabelos  
tingidos até que seus olhos  
mínguem e fechem.  
as luzes da rua  
atravessam as persianas  
e banham seu corpo nu  
enquanto a observo dormir.  
deixei uma mensagem

no seu celular  
avisando que o quarto  
está pago até meio dia  
e seu dinheiro ficou em cima da cômoda

## avenida nossa senhora de fátima

a tarde era uma reprise de domingo chuvoso  
e eu tinha parado em frente aquele  
que foi o nosso primeiro apartamento.  
a gente brigava todos os dias  
e também transava todos os dias.  
teve aquela vez em que observava  
o pôr do sol esvanecer-se no riso  
dos adolescentes, e você, enciumado  
puxou-me os cabelos  
arremessando-me dentro do box  
e eu chorei tanto.  
você nunca brochava,  
nunca brochava.  
mas naquela noite brochou,  
caiu aos pés da cama  
como se atingido por uma bola  
de demolição  
e eu  
segurava suas mãos trêmulas.  
cê me fez jurar três vezes  
que não arrumaria outra pessoa,  
e eu fiquei muito mal  
por mentir para alguém que estava  
morrendo.  
porra,  
você não fumava, não bebia  
e as vezes, evitava comer carne  
e teve AVC aos vinte e cinco.

eu me desfiz de tudo,  
tudo, tudo, tudo  
das suas roupas, dos móveis  
e até do monte de poeira  
que ficava embaixo do tapete.  
só não me desfiz dos seus  
livros de ocultismo  
como se eles pudessem  
trazê-lo de volta à vida.  
algumas coisas só são perfeitas  
porque acabam  
antes que tenhamos tempo  
de odiá-las.  
todavia, lembrar é um ato  
de vandalismo.  
eu fiz o que precisava fazer:  
girei a chave na ignição,  
liguei a seta  
e deixei o passado para trás  
sem olhar no retrovisor

## ***crash: sexdriver a 120 na highway***

quase bati em um daqueles modelos  
esportivos que parecem barbeadores  
elétricos.

é que é difícil manter os olhos  
na estrada, enquanto sinto  
a glândula pressionada contra a lateral  
esquerda de sua bochecha  
e os dentes inferiores serrilhando os  
campos cavernosos.

nossos corpos transpiram sobre  
os bancos de vinil  
recém aquecido pelo sol das duas.  
a seta acionada para o acostamento  
é um voto unânime, de minerva  
para dar zoom aos nossos desejos  
que pairam afastando os bancos  
à medida em que a cicatriz do meu joelho  
é apoiada ao volante  
e você levanta a saia xadrez,  
puxa a calcinha de renda para o lado  
e senta com tanta força  
feito um elevador com os cabos  
de aço rompidos.

a parte interna de suas coxas

roçando em minhas costelas.  
os mamilos rijos e marrons, pressionados  
contra os pelos do meu peito.  
seu rosto arranhado pela barba por fazer.  
sua língua derretendo dentro da minha  
boca  
como um pudim de leite.  
as portas abrem e fecham  
suas mãos apoiam-se na superfície  
quente do capô,  
que reluz figuras sexuais  
esmaltadas.  
seus lábios marcados por batom  
adornam a lataria amassada  
o inferno das suas virilhas  
emerge em contrações uterinas  
sobre a tutela das veias dilatadas  
do meu pau.  
espargindo esperma  
feito vidro estilhaçado  
de colisões frontais em acidentes  
automobilísticos.  
ela fica de cócoras,  
abrem bem a boceta e mija  
um facho de luz líquida e amarelada.  
limpa com a própria calcinha  
e a descarta falando

que devemos terminar isso em um local  
mais apropriado.

foda é que o motel mais próximo  
é só daqui a 7 km



## meio baseado

palavras-gatilho, ela disse:  
sensações – e seu sorriso verteu-se  
em uma erupção solar dentro  
do quarto escuro  
e seus lábios coaxavam obscenidades  
em pequenos estalidos  
do pescoço a nuca,  
delirando com os olhos  
de brasa semiapagada.  
embora não saiba, dita von teese...  
dita von teese e qualquer  
outra dançarina de *cabaret club*,  
alguma vez na vida, já tentou ser  
você  
dez graus na escala richter  
lambendo meus polegares  
besuntados em sua própria boceta  
num cio cancerígeno espalhado  
por todo o corpo.  
eu bebi, fumei  
e cheirei você  
e a torneira do banheiro  
não parava de pingar  
e houve interferência  
nas ondas de rádio  
e nossa música virou  
uma partida de futebol  
mal narrada onde gozo em sua boca.

eu  
me senti como bukowski no livro  
mulheres  
e o que me deprime  
é saber que só  
seremos amantes uma vez.  
a rodoviária deveria chorar  
antecipadamente a nossa despedida.  
e quando seu ônibus partiu,  
o ronco dos motores me disse  
que aquela fumaça que irritou  
meus olhos, era o idioma da saudade

**inícios, separações,  
reatamentos, rupturas  
& cabines telefônicas**

**marla singer**

**meu caos tem nome de mulher**

quando te beijei senti a mesma  
sensação de quando aponteí um *taurus*  
pra cabeça de alguém pela primeira vez  
o gosto do seu cigarro paraguaio  
amputava toda dor do meu peito.  
as cicatrizes nas coxas  
as tentativas vãs de suicídio  
sempre à procura de novas drogas  
que dessem algum sentido à vida  
o coração torto tatuado acima  
do mamilo esquerdo  
a metáfora da casa vazia  
nossos papos sobre loucura  
e arte  
a incapacidade de van gogh  
permanecer mais de dois anos  
em um relacionamento  
minha língua na sua boceta  
suas unhas nas minhas costas  
a sodomia naquele motel de quinta  
os cabelos amarrados com a própria calcinha  
pra depois banharmo-nos com o chuveiro  
queimado  
e compararmos a diferença enorme  
das nossas *playlist*.  
musa schopenhauriana com absurdos  
reticentes pra desfragmentar

as razões do espírito  
seu sorriso é um eufemismo  
para o tempo que não aceita  
suborno e deveria ser perpetuado  
em carvão  
você acariciou minha barba falhada  
afirmando que tenho cara de quem fugiu  
da reabilitação  
depois atravessou a avenida sem olhar  
para os lados

## requentando repolhos

alguém falou que meus poemas  
são tristes como o trompete de chet beker

rasguei o cu do mundo no impala 67  
procurando a mesma encruzilhada  
que robert johnson vendeu a alma

o inferno é só um quadro de hieronymus bosch

naquela sexta eu queria dar um tiro em deus  
quando entrou cambaleando no bar  
e derramou cerveja escura na minha camisa  
depois serrou uns dois cigarros  
e disse que eu tinha fetiche por coisas quebradas  
e estava fadado a amar causas perdidas

lembrei da gente

algo chamava a atenção dos outros  
quando caminhávamos juntos  
tenho certeza que não era o sol das cinco  
refletido na minha careca

avisa pra sua prima que não vou devolver  
as calcinhas que ela esqueceu lá em casa  
avisa ao ex dela que ficou dois contos  
a porra da funilaria do meu carro  
que ele debulhou com a picareta

no fundo cê sabe que outras mulheres  
já gozaram sentadas no meu pau  
o problema é que fico louco  
quando olho pra sua bunda 2.0

ontem o telefone tocou e alguém  
gemia chamando meu nome  
pensei que fosse você.

## sobre o cu da donzela

você não se casará com a pessoa que ama  
é uma constatação clínica  
em determinado momento ela deixará  
de ser o objeto idealizado  
que lhe trazia boas razões para perder o sono  
não precisa ter medo de rupturas  
ou morte: as pessoas partem  
às vezes partem sem se despedir  
e fica sempre aquele pertence  
que pegamos emprestado e deveríamos  
ter devolvido: um livro, um cd  
um chinelo velho embaixo da cama  
gostaria que tivesse tomado  
um último chope comigo  
e acreditasse que tudo estaria bem  
em vez de ter quebrado toda a mobília  
de casa  
mas caralho, você foi o meu fracasso  
mais bonito  
e olha que nem estou falando  
sobre as vezes que roubei no baralho  
ou dormi com mulheres casadas  
que resultaram em merda  
hoje tomei um pau da porra de um fusca  
em plena marginal tietê  
puxei uns 140  
mas aquela lata velha deveria  
ter motor de opala



minha mãe passa horas conversando  
com minha tia internada com leucemia  
tenta se fazer de forte  
e depois que desliga o telefone  
fica chorando escondida  
pensando que não sei  
tinha uma criança dando show  
por causa de um salgadinho na loja  
de conveniências  
comprei do que ela queria  
abri e comecei a comer em sua frente  
quando a vida fode comigo  
no outro dia  
acordo  
levanto e tento esquecer tudo  
antes do café  
porque sexo ruim não deve ser lembrado

## **gabrielle berlatier**

vi a tatuagem de boneco de palito escondida  
em meio aos seus pelos púbicos  
eu já havia tirado minha máscara  
e você a usava como cinzeiro  
na mesinha de centro da sala  
o sol atravessava as frestas  
da janela sem pedir licença  
e me obrigava a abrir os olhos ébrios  
eu vi deus nos seus quadris  
quando rompeu seu código moral  
e cavalgou sobre mim  
até as nove da manhã  
naquela cama quebrada  
era para eu ter sido seu escravo sexual  
mas cê disse que tenho ego demais  
para ser escravo  
depois pediu pr'eu comer seu cu  
seus gemidos desenhavam  
bonecos de massa de modelar e unicórnios  
enquanto gozava  
porra  
ejaculei em seus seios  
e em todo o lençol  
fui embora com a promessa  
de que sou os fundilhos molhados  
das suas calcinhas  
é uma pena não ter aprendido recitar aquelas  
lindas frases de para-choque de caminhão

embora você faça minha boca  
ressecada de maconha salivar  
senti o mesmo orgulho de um menor  
ao assinar o seu primeiro 157  
e bater no peito ostentado  
como se fossem cicatrizes de guerra

## ***estepe da sua vida furada***

você é a punheta que não bati  
acreditando que transaríamos  
mais tarde  
e acabou ficando de frescura  
a ponto d'eu ter que pagar motel  
só pra te ouvir soprar seus problemas  
pelos lábios queimados de eight  
enquanto lhe fazia um cafuné  
hoje fui reprovado em um  
dos cinco testes  
para entrar naquela empresa  
que eu tanto queria  
acho que foi porque pela manhã  
vi nosso retrato na minha gaveta  
de projetos natimortos  
e detesto ser um péssimo perdedor  
não me matei às dez para meia noite  
do natal  
na tentativa vã de evitar  
aqueles falsos abraços dos familiares  
repletos de votos vazios  
as piadas do tio chato  
durante a ceia  
estou cansado das uvas passas  
e das pessoas que possuem problemas  
em sinalizar com as setas de trânsito  
sempre acreditei que você fosse pagu  
prestes a me roubar de tarsila

mas estou perdido  
em meio aos  
autorretratos póstumos de uma frida  
na galeria que nunca existiu  
essa semana escutei boogie naipe  
lembrei das festas black dos anos 80  
que não pude ir  
porque nasci em 92  
só retribuindo sua covardia  
preferiria mesmo que minha máquina  
de escrever estivesse quebrada  
desta forma não estragaria outro poema  
involuntariamente  
escrevendo para você

## deuses de gás hélio

o mofo das paredes  
se parecem com os pulmões de alguém  
que fuma dois maços por dia.  
eu acerto o pagamento com a recepção  
e saio daquele motel boca de porco,  
cujos letreiros de néon  
estão quebrados.  
os carros cacarejam com seus motores  
automáticos  
mutilando a avenida são miguel,  
enquanto a calçada engole  
o barulho dos meus tênis erodidos.  
estou ao lado dela,  
dessa contradição metafísica  
cuja voz são estilhaços decadentistas  
ruminando dentro dos meus ouvidos  
de cobre.  
ela me beija lenta e suavemente.  
sua boca tem gosto de coquetel  
molotov  
incinerando as barreiras torpes  
do meu espírito.  
sob o desígnio de um céu com cara  
de cu, os relâmpagos nos fotografam.  
é sexta-feira.  
dois ciclistas interrompem  
suas pedaladas fitando-nos  
com seus olhos de coruja

obtusa, só que ela não percebe.  
o barulho da catraca  
indicam que eles retornaram  
a seus percursos  
e suas respirações são  
transformadas em halos que  
se dissolvem no ar.  
ela acende dez anos em uma noite  
riscando a pedra do isqueiro  
e despeja uma espiral de sonhos  
desconstruídos em minhas mãos.  
eles param novamente  
e aguardam nossa aproximação.

– perdeu alguma coisa, parça?  
– não, não... só queria um cigarro. achei que...  
– tá escrito tabacaria aqui?  
– é que... acho melhor pedir do que sair puxando os  
cabelos de um mulher,  
assim, sabe?  
– vaza daqui, caralho. agora!  
o âmbar de seus olhos  
rodopiam em minha direção,  
incrédulos. digo que deve  
ser minha jaqueta da sorte.  
eu a deixei em casa.  
talvez o mundo fosse um lugar  
mais seguro se o gênero  
não tornasse as mulheres,  
grande parte das vezes,  
vítimas de assaltos.

não foi pela testosterona:  
juntos eles eram mais fortes que eu,  
sei disso.

mas numa briga de gatos,  
quem sabe gritar mais alto  
acaba levando certa vantagem.  
eles até podem acreditar  
que seus paus são grandes,  
mas o meu é muito maior



**o *degradê* da loucura**

## em nome da pólvora, amém

*“toda vez que passo perto de um gambé, me sinto um protótipo de Rafael Braga”*

– **Ray Cruz.**

– *risc risc risc...*

o céu está com a cor  
de canal fora do ar  
a chama lambe o pano umedecido com gasolina  
e clareia o rosto coberto por uma bandana  
ele dá uns três ou quatro passos adiante  
e arremessa.  
a tropa de choque comprime  
as mãos sobre os escudos  
e a garrafa de coquetel molotov  
espatifa no chão.  
braços são erguidos com seus dedos  
médios em riste  
há uma sonata de estampidos  
e gases lacrimogêneo  
pneus queimados paralisam  
avenida ipiranga & são joão  
pedras e pés lançados  
contra policiais  
cassetetes, clavículas, costelas e vitrines estilhaçadas  
pavlov soltou seus cães e eles ganem  
com balas de borracha

abrir os olhos depois do spray de pimenta  
é como voltar a enxergar pela primeira vez  
corpos pisoteados  
hidrantes viram *gêiseres*  
*motolink* capta as imagens  
como um filme *found footage*  
multidões reviram carros de emissora  
viaturas são transformadas  
em um vesúvio paulistano  
estátuas de ditadores são derrubadas  
e ouve-se uma ovação  
piche,  
chutes em bombas de fumaça  
o medo tem o mesmo hálito  
do pastor alemão que rosna próximo  
ao seu rosto.  
aposentadoria passou a ser  
algo risível como a lei do sexagenário  
clt: eufemismo para escravidão.

a coroa de uma 765 bate  
em meu nariz e tudo se transforma  
em um zumbido fosco  
dentro de uma visão turva  
a voz da minha mãe ecoa como uma lembrança:  
“filho, vá lutar por nós,  
por um futuro melhor” – antes  
que meus olhos fechem  
e eu sinta o aço gelado das algemas  
imobilizando meus punhos.  
“heróis são aqueles que não tiveram

tempo de correr”

amanhã meu nome estará estampado  
nos jornais

## dei papéis a psicopatas

ele não nasceu, foi cagado na existência  
ruminando de um lado para o outro  
sem sentido

talvez tenha sido concebido na rua pouco iluminada  
ao lado de cães que brigam por restos e disputam fêmeas  
demarcando territórios com urina  
ou em algum colchão manchado de sêmen  
não teve pai, não teve mãe:  
é brasileiro  
e seu nome não significa nada  
nada nada nada nadica de nada  
porque não possui títulos para ostentar

é praga de mãe, minha avó disse  
você sai de uma boceta pra morrer em outra  
isso justifica as casas noturnas  
as putas  
as travestis  
as drogas  
a vontade de dar um soco em deus  
o cheiro de cerveja e cigarro  
é o mais próximo do seio materno que cheguei

qualquer coisa nas mãos de um psicopata  
vira arma  
até mesmo uma folha de papel  
as vezes tento pegar a vida de quatro

mas há dias em que ela está preparada  
à espreita com um canivete escondido  
ontem mesmo ela disse que queria  
engravidar de mim só para abortar meu filho

## **gangbang & disfunção econômica**

aquele filme *western* não salvaria  
a noite  
e a bebida seria só mais um paliativo,  
como todas as outras vezes

ela veio,  
contra minha vontade, mas veio.  
não interfonou e já foi subindo para o  
quarto.  
ela veio  
&  
está sentada na cama, bolando um baseado

caralho,  
ela é como um disco do pink floyd:  
perfeita dos dois lados.  
ela acende,  
puxa fundo  
e cospe toda a fumaça  
na brasa que ameaça  
esmorecer, mas se excita  
com o sopro

eu não quero fumar,  
preciso me manter sóbrio.  
preciso encontrar uma forma  
de resolver os problemas  
e também preciso

parar de esconder meus segredos

a primeira vez que a vi  
estava parado no semáforo  
de um cruzamento  
e ela desfilava dentro  
de uma calça cáqui  
na faixa de pedestres.  
aqueles quadris,  
aqueles olhos;  
aquele sorriso  
que me desarma  
feito travas magnéticas – o sinal  
abriu e fiquei parando  
o trânsito, em transe  
até que uma enxurrada  
de buzinas no meu rabo  
me despertaram

agora ela fala que me quer  
e lambe meus dedos  
manchados de nicotina,  
mordisca e puxa  
o *piercing* dos meus mamilos,  
arranha minha barriga  
mas o meu pau não quer ficar duro.  
não é sua culpa,  
não há nada de errado com você

é sobre estar desempregado  
há quase um ano.



é que amanhã serei despejado  
e não tenho para onde ir.  
ela diz que me entende  
e no fundo, acho que não.  
em seu lugar, não me entenderia

nós enganamos a fome  
com batata chips, suco em pó  
e algumas piadas ruins.  
ela adormece,  
acorda e me abraça

e quando me abraça,  
o mundo não se torna um lugar  
melhor,  
só que é mais suportável.  
depois fala que se for pra  
passar fome, passaremos juntos

obrigado,  
era isso que eu precisava  
ouvir

## utopia para jules verne

a noite tem a cor de *cannes*;  
a luz de velas projeta sombras  
que bailam nas paredes descascadas  
rebobinando memórias em um filme  
mal editado.

procura por lídia.

lídia não está.

chama simone.

simone foi embora.

chama a própria mãe,

mas ela é só um borrão

com cores primárias

apagada das pulsões tácteis

como um livro com dedicatória bonita

abandonado em um sebo, ele

faz sua abordagem.

seu nome era katsuo yamashida,

mas... quem se importa?

ele olha para os próprios

pés, cheio de expressão feito

uma folha de rascunho

e diz: eu tenho fome

mas... quem se importa? – e vira as costas.

uma pulseira de carne e ossos  
segura seu braço e lhe oferece  
seus últimos dois reais

ele sorri, agradece e some  
pelas ruas construídas  
por escravos e imigrantes sem nome  
cujo holograma de fantasmas  
embrulham-se com papelões,  
portadores do odor  
tóxico do vírus cidade  
e fica de fora dos cartões-postais

há apenas três coisas das quais  
os homens nunca admitirão possuir:  
dinheiro;  
hemorróidas  
& disfunção erétil.  
mas as contas vencem na semana que vem.  
as tatuagens de cadeia  
são objetos de estudo para psicanálise  
que o impede de arrumar um emprego.  
e a fome tem voz férrea

seu oásis no deserto clandestino  
continha gases comburentes  
e lataria, pagavam 70 reais pela doação

de sangue.  
ele doou na segunda,  
na terça  
e na quarta.  
na quarta desmaiou por conta  
do número baixo de plaquetas  
e precisou de transfusão,  
depois de algumas horas  
recebeu alta

viver custa tão caro  
como romper seus códigos  
morais e ir pedir esmola.

## **caos *old school***

sonhos adotados como animais  
de estimação  
&  
o tempo não aprendeu  
a ver as horas  
o mundo quer morrer  
e toda vez somos obrigados  
a inventar uma desculpa  
para salvá-lo  
& salvá-lo  
& salvá-lo  
remediar o apocalipse  
de amanhã *ad infinitum*

a depressão de matusalém  
consiste-se em devorar anos  
& anos & anos  
e ver os amigos padecerem  
todos  
sem a derradeira despedida

ainda tenho aquela cicatriz  
no joelho  
e, talvez, esta seja  
a única lembrança  
que restou de um primo  
(o mesmo álcool que o levou  
é o derramado em sua homenagem)

fico criando neologismos  
para fugir do cárcere  
das palavras e  
da responsabilidade  
de possuí-las

adoro mastigar esse caos  
*old school*  
e a sensação causada  
pelas suas nádegas  
encostadas em minhas  
coxas  
enquanto devaneia  
coisas sem sentido  
das quais não presto atenção

talvez seja clichê – e é –  
mas tudo o que aprendemos  
sobre o amor  
era sobre entregar  
o seu boneco de vodu  
a um estranho

os livros que tanto demorei  
para escrever  
sendo vendidos em sebos por menos  
do que deveriam.  
meu corpo coberto de sangue  
que não sei se é meu,  
dos inimigos  
ou dos sonhos

que prometem  
digladiar a cada  
encontro na próxima esquina

o futuro pediu trégua

## *chaosmastê*

pilantras envelhecem  
e o bom senso obriga-nos  
a ceder-lhes nossas poltronas.  
fiz o necessário para não  
ser o funcionário do mês:  
falei pouco, evitando  
demonstrar qualquer coisa  
que denuncie todo o potencial adormecido.  
é a rotina – sempre é a rotina.  
meus olhos não brilham mais  
feito letreiros de *fast food*,  
muito embora,  
meu coração seja uma roda  
punk  
aprisionada entre  
as costelas  
e as obrigações abjetas  
e as manhãs com seus cafés  
claustrofóbicos.  
os arranha-céus, banhados  
por lâmpadas dicróicas  
são caninos da cidade  
que saliva antes de devorar-nos;  
e o amor, já não está



tão disposto assim a lamber  
a sola dos sapatos  
depois que você pisar na merda.  
a psicologia das cores fala  
que sua *lingerie* vermelha  
representa fome.  
ontem à noite, o medo  
fez catequese  
e a esperança estava  
sintonizada em um canal fora do ar.  
meu ombro estava dormente,  
mas preferi não mover-me,  
evitando assim, atrapalhar  
seu sono

## urina

a garrafa de cerveja transpira  
no lavatório do banheiro  
enquanto grilos cantam dentro  
da minha cabeça.  
estou mijando com uma das  
mãos apoiadas na parede  
e lá fora as pessoas  
sorriem futilidades  
com luzes estroboscópicas.  
um fio líquido amarelo alaranjado  
respinga pelas bordas do vaso  
e um grão de areia  
no vitrô,  
tenta me contar a história da humanidade.  
recebo uma mensagem.  
leio e esqueço de responder.  
a urina baila pela superfície  
íngreme e escorre  
em espacate canário.  
alguém atrás da porta  
pergunta se estou passando mal.  
os dedos frios sugam o calor  
do meu pênis.  
o refluxo vem e volta antes

de chegar a boca.  
dou algumas leves sacudidelas  
e a língua de algodão  
da cueca lambe a última  
gotícula salgada.  
aperto a descarga e tudo  
é devorado em espiral.  
esfrego os dedos mesmo sem sabonete.  
pego a garrafa  
e ao abrir a porta,  
me deparo com você,  
perguntando se está tudo bem

## **oppenheimer, eu me transformei na morte**

you está chapado demais  
para ir embora  
e mais chapado ainda para  
trepas, foi o que ela  
disse antes de bater  
a porta.  
temo ter me transformado  
naquilo que mais sentia  
receio. por que os covardes  
são sempre os mais perigosos?  
e as carreiras de pó  
esticadas na bunda dessa prostituta  
remetem a imagem dos meus  
700 projetos falidos,  
do quanto falo sem parar  
com a mandíbula travada  
e de como sinto falta  
de observar os mamilos dela  
enrijecerem enquanto lia meu último  
poema.  
sua boca com gosto de efeito  
estufa  
a ressonância da sua voz  
feito nêutron, atravessando

os elétrons da prosa  
e invadindo um núcleo.  
e você sabe o que acontece  
quando quebramos as moléculas  
de um átomo. não sabe?  
minha língua nos seus seios  
com manchas de sol...  
nossas promessas de sonhos  
perecíveis, biodegradáveis  
como as memórias deveriam  
ser.

os fios de cabelo no travesseiro  
não são os seus.  
a calcinha nos pés da cama  
não é a sua.

fica sempre aquele gosto  
de vômito na boca, após  
a catarse  
para recarregar a vida em novos  
erros.

para exercer o ofício de poeta  
e estragar mais algumas vidas.  
sem me fazer gozar, a prostituta  
foi embora,  
levando minha grana  
e bateu a porta, tal  
como você fez.

e eu gritei: te amo,  
tal como fiz com você,  
sem esperar ouvir um  
“eu também”, de volta

## dez pras três de algum sonho

chovia muito no dia em que chris cornell se matou  
e eu acordei com você me cutucando, dizendo que estava  
grávida  
e com medo, porque não fomos feitos  
para durar.

eu precisava de um cigarro para suportar a existência e  
o lençol não abafava seus soluços,  
em contraparte com o travesseiro molhado e a dúvida me  
carcomendo.

você fez três, quatro, cinco testes e todos deram positivos  
então abri uma cerveja

enquanto você tagarelava sobre seu namoradinho ter  
passado em uma universidade federal e que não o via  
há mais de dois meses

e, provavelmente iria abortar,  
porque eu era um bêbado indulgente  
que levava a sério o espírito *grunge*  
e nunca me importaria com porra nenhuma.

foi quando perguntei  
o que achava sobre  
nossos filhos ter nome de astros do rock?

você se aproximou, vestida apenas  
com minha camiseta do *trainspotting*  
e passou uma das mãos sobre as nádegas, removendo a

calcinha.

depois desse dia, transar escutando

*audioslave*, nunca mais foi a mesma coisa



## **antes que o sol sangue amarelo**

na minha poesia  
o espírito santo se rebela  
contra a santíssima trindade  
e os pecados passam a ser  
as pulsões repreendidas  
em nome dos totens erigidos  
em cima de tabus de porcelana,  
desse estigma que rouba-nos  
a virilidade.  
carrego canhões voltados  
ao mundo e deixei  
a última bala para mim mesmo.  
eu sou aquilo que você não teve  
coragem de ser:  
o espírito decadente do rock,  
se ele tivesse sobrevivido  
às censuras  
e à desintoxicação  
bebendo a dor no gargalo  
de garrafas frias.  
e mesmo que nunca tenha confessado,  
gosto dessas bochechas grandes  
e das falhas entre seus dentes  
e dos seus olhos castanhos  
e do movimento que faz com as mãos  
para ajeitar os cabelos.  
gostaria de sobreviver  
à morte do sol, quando este

se esvaísse numa hemorragia  
amarela, estancada por nuvens difusas  
e frígidas  
e poder dizer com a maior cordialidade  
do mundo:  
cumpri a promessa de que  
te amaria até mesmo se o sol  
fosse apagado

## **a solidão é um cão sarnento correndo atrás do próprio rabo**

aquele último beijo foi um pouco longo  
mas não significou nada pra você.  
já vi mais ternura em brigas  
de torcida do que em sua indiferença.  
ontem à noite, a solidão sentou-se  
em minha poltrona predileta,  
transformando-se na melhor  
amiga do cinzeiro. e eu fiz  
a barba, acreditando  
que isso faria com que eu  
aparentasse estar melhor  
e os pentelhos entupiram o lavatório  
então soquei as paredes  
agonizando nos desenhos abstratos  
dos azulejos  
e praguejei contra todos os santos  
e minha orelha estava queimando  
a ponto de sentir-me coagido  
a morder três vezes a gola surrada  
da camiseta, na crendice vã  
de que, por ventura, isso  
faria com que você mordesse  
a própria língua  
e parasse de falar mal de mim.  
explodo em aftas e ansiedade

quando o telefone toca  
e o relógio vive tentando me reeducar  
apagando hábitos  
que há muito,  
deveriam ter sido erradicados.  
se a vingança é um prato  
que se come frio,  
a solidão é um coração mofado  
que depois de ingerido  
fará  
com que sinta dor de barriga  
por três dias.  
e você se conforta,  
ciente que esta  
não será a última vez

**eu, travestido de arlequim  
escrevendo coisas bonitas para  
minha colombina**

## era pra ser só um lembrete...

não sirva nosso amor  
em copos plásticos.  
em p&b toda fotografia  
de mulher nua  
com cara de pensativa  
fica sexy.  
quero nossos absurdos  
de conchinha ouvindo  
the weeknd  
e um café bem quente  
pela manhã.  
a noite até posso tentar  
me travestir  
daquilo que você sempre  
quis que eu fosse.  
deixei um bilhete de bom dia  
agradecendo pelo jantar.  
cinta-liga e espumante  
sempre foram melhor que netflix  
desde que você começou  
a fazer *lap dance*.  
confesso que parei  
de fumar escondido  
agora vai ser na sua frente mesmo.  
brincadeira.  
p.s.: precisamos juntar nossas escovas  
de dentes.

## o poema da página 56

ela é o poema inacabado da página 56,  
cujo nome do autor foi rasgado  
antes que dilacerasse meus olhos  
tímidos.  
aquele poema com redondilhas perfeitas  
em cima de um colo  
que não sei se leio ou admiro  
possui toda uma entonação bíblica:  
“e o verbo se fez carne”  
e a carne ora suspira, ora delira,  
ora arrepia, transpira  
e anseia por mais carne.  
jurei não terminar de lê-lo,  
porém nunca levei um juramento ao fim.  
somos páris e helenas  
dançando  
no meio da terceira  
estrofe  
antes da queda de troia.  
é o poema que cospe em minha boca  
incitando que recite versos obscenos  
em pensamentos.  
tão lindo quanto um nude  
acompanhado de um aforismo.  
motivo pelo qual minhas cuecas  
andam manchadas de esperma.  
o sonho *boudoir*  
que geme ao som

de jazz.  
uma canção profana  
arranhando o busto dos deuses  
que em breve me abandonará  
quando eu estiver velho,  
careca e barrigudo  
me entupindo de viagra.  
aquele poema é o abismo  
que me encarou e piscou  
um dos olhos,  
passou a mão  
nos cabelos  
e desapareceu  
no  
meio  
da  
multidão



## goethe estava errado

amor é:

você reclamando do cheiro dos meus peidos;  
meu ronco atrapalhando seu sono  
e meu hálito pela manhã.  
é aquela encoxada na pia  
com a promessa irrecusável  
que lavarei a louça mais tarde,  
se vier para o quarto comigo  
agora.

é acordar recebendo sexo oral  
no meio da madrugada  
ou aumentar o volume da tevê  
para chamar sua atenção,  
enquanto falava com sua mãe  
ao telefone.

é ficar irritado porque  
você fez com que nos perdêssemos,  
mesmo olhando o gps.  
são trinta chamadas perdidas  
porque estava jogando videogame.  
uma transa violenta  
proporcional a raiva  
que estava sentindo  
por eu não ter atendido.  
é aquele ciúme bobo,  
porque fui gentil com  
uma garota na livraria  
quando perguntou se doom patrol

é tão bom quanto the invisibles.  
amor é sair mais cedo do trabalho,  
ficar quinze dias sem almoçar  
e ir direto ao hospital  
para saber o porquê você não está bem.  
é fingir que esqueceu uma data  
importante só para ter o direito  
de surpreendê-la no meio da discussão.  
é aturar você desafinada,  
tentando cantarolar florence in the machine,  
enquanto dirijo.

amor  
é  
aquela  
fresta  
no  
pão  
de  
chapa  
que  
faz o  
vapor  
queimar  
a ponta  
dos dedos.

## born to fuck

você tem os lábios de Angelina  
e problemas com os pais.  
mil canções de Lana del Rey  
nas pupilas de diamante implodido.  
fala que aos olhos do sol  
somos grãos de areia, cheios de ego.  
que o universo caga para nossa existência  
e a não consciência disto,  
faz com que aguardemos em filas  
à toa  
superestimando pessoas  
à toa  
que ficamos sóbrios  
à toa.  
nem deus, nem o diabo, nem drama  
que o valha; tudo é perecível.  
só precisamos de diversão  
nessa porra.  
não entende o porquê baixamos  
nossos timbres para pedir licença,  
antes de sentarmo-nos nas conduções.  
que poesia bucólica é um porre  
– e nisto, concordo. –  
que *fulton street* é  
ideal para *strip tease*.  
e que adorou meu *free*,  
enquanto subíamos da roosevelt

para augusta.  
adora o tropicalismo  
das praias brasileiras  
e morre de medo de caronas;  
que viveríamos melhor na Espanha,  
onde teria tempo para concluir  
meus romances engavetados  
e poderia ganhar a vida  
fotografando casais e dirigindo curtas.  
que o gerúndio é melhor empregado,  
quando estamos fodendo  
com a mesma violência dos cartéis latinos.  
chove lá fora,  
observo as marcas de tapa  
em sua bunda, refletidas  
no espelho de teto.

## acendi um cigarro para cortázar

trocaria um sorriso débil  
pela sua voz de cítara quebrada  
é sempre frio à noite  
em meu peito de cortiço mouco  
o vento num farfalhar de castanholas  
acima de nós, todos os olhos  
de salvador estão cegos.  
existe algo na maneira como articula  
os lábios,  
aquela coisa latina  
meio bolero, meio bossa nova  
meio samba sem bateria  
meio papisa de tarô remendado  
lambendo o suor e o futuro  
entre os calos da palma da mão  
numa ciranda em espiral.  
é sempre a mesma havana  
em seus olhos de cinegrafista amadora  
é sempre Cannes em seus quadris  
quilombolas  
rasgando os sinos de catedrais  
no idioma dos Erês.  
imigrante na minha cama  
um eufemismo em procissão.  
tem aval para me destruir.  
toda vez que nos despedimos  
é como se eu fosse o continente africano

depois da chegada do europeu.

## 32 gb

ela me liga pra falar  
que Uma Thurman e Tarantino  
havam rompido a parceria  
antes do efeito Wenstein;  
e que no *Projac* acontece  
a mesma coisa, sem tanto alarde  
e comissão midiática.  
mas, mesmo assim,  
prefere o cinema espanhol.  
liga pra falar que o quilo  
de tomate está tão caro  
que passou a ser ingrediente  
excluído das pizzas  
de mussarela.  
liga pra falar que a intervenção  
no Rio, é só mais um pretexto  
para desviar a atenção do povo,  
enquanto é aprovada  
a reforma trabalhista.  
ela me liga pra falar  
que trancou o curso de ciências  
contábeis  
e que agora  
pretende cursar comércio exterior.  
ela me liga às onze,  
antes de dormir  
& meia noite,

para falar que está com insônia.  
às três, ela me liga  
e se masturba  
em uma chamada de vídeo.  
liga às cinco, pra falar  
que teve um pesadelo  
e que quer me ver às sete,  
antes de entrar no trabalho.  
liga da cafeteria.  
liga após o banho.  
liga enquanto passeia com o cachorro.  
liga para falar que sou muito esquentado  
e que qualquer dia,  
vou acabar arrumando briga  
na rua.  
ela me liga da Consolação.  
do Brás.  
do Tatuapé.  
ela me liga de frente  
minha casa, pedindo  
pra abrir o portão.

que nunca venhamos a abandonar  
o hábito de surpreender  
um ao outro.

tenho 32 gb  
para arquivar nossas fotos.



**posfácio: a sinopse sobre  
o cu do mundo**

## metaficção: deus ex machina

*“eritis sicut dii scientes bonum et malum”*

Gênesis 3,5

você disse que entropia  
era minha capacidade de fazer  
merda e depois tentar  
corrigir tudo, como  
se nada tivesse acontecido.  
e eu fiquei puto,  
bati a porta e lá estavam  
todos os personagens que já criei

alguns bebiam, jogando carteados,  
outros estavam sós, alguns transavam.  
teve aquele que dizia que  
eu não existia e pagou  
a língua.  
aquele que dizia que  
eu havia escutado suas preces  
e voltado;  
aquele que se queixava  
por eu tê-lo feito  
sofrer em mais de 300 páginas  
dentro de um romance  
ruim

tinha um espertinho que falava  
mal de mim pelas costas

e me deu uns tapinhas  
no ombro

eu estava tão puto que foi *columbine*  
total. cravei os dentes  
na jugular da paródia do superman  
de uniforme verde e amarelo,  
sacudindo a cabeça como se fosse  
um pitbull indomável

chutei o casal homossexual  
que transava ali na minha  
cama

dei um tiro na testa do que  
se lamentava, isolado, de fundo  
e seus miolos pintaram a parede  
feito um quadro de burroughs

havia uma paródia de mim,  
aplaudindo tudo aquilo,  
ele dizia que isso estava escrito  
quase no final de um livro  
que não conclui

perguntou se eu estava imitando  
deus no antigo testamento,  
somente então,  
pude perceber o quão  
babaca havia sido  
e voltei a recriar

os personagens que  
levei anos para construir  
e havia destruído-os em segundos.

ela realmente tinha razão,  
entropia nada mais é que  
a capacidade que possuo  
de fazer merda  
e depois tentar corrigir  
tudo,  
como se nada houvesse acontecido

## ***anecdoche: o diálogo dos beats mortos***

não há nada no ser, além do ego.  
todo ser já nasce repleto de culpa:  
“eu nasci para salvar o casamento  
dos meus pais”  
“eu vim por acidente,  
não deu tempo de minha mãe engolir”  
“eu fui feito nas coxas”  
talvez isso justifique o  
vocabulário deficiente que herdamos

veja, as palavras estão todas aqui:  
velhas, sujas, moribundas, incômodas,  
obsoletas;  
e mesmo assim, você as coloca na boca.  
elas alastram-se feito pragas,  
feito parasitas em busca  
de hospedeiros autorreplicantes.  
são prostitutas semânticas,  
motivo pelo qual carregamos doenças  
antiquíssimas. tais como:  
fé, religião, supremacia

as palavras estão cheias de carma.  
usamos as mesmas gírias,  
enfrentamos os mesmos problemas  
dos séculos passados:  
medo, desemprego, amor, fome, sexo, guerra, estereótipo,  
gênero...

significados antigos demais  
para que pudessem ser mudados

os números existem para calar-nos  
racionalmente.

“ah, mas morreram milhões na guerra.”  
“não há guerra sem morte. muda a página,  
você já comeu um big tasty?”

as palavras são gatilhos desencadeando  
sensações  
criando desejos  
necessidades  
definições

são virais.  
virais.  
vi-ra-is,  
até sermos devorados pelo *status quo*.  
até sermos cuspidos pelos magos  
pós-modernos da publicidade  
“eu odiava a palavra top  
e a palavra top foi cuspidada  
da boca de fulano para a de cicrano  
que cuspiu na de beltrano  
que acabou sendo cuspidada na minha”

“quando foi a última vez  
que teve uma ideia original?  
ideia sua mesmo,  
que o deixou perturbado

por dias?”

não há mais poesia,  
não há mais prosa,  
não há mais literatura.  
estão todos mortos.  
e você é o culpado  
por ter aceitado esta repetição.

estamos caindo no limbo da repetição.  
estamos sempre dobrando esquinas  
e quando chegamos ao nosso objetivo,  
percebemos apenas que viramos  
outra esquina.  
o paradoxo da chegada.  
e da chegada  
e da chegada  
*ad infinitum*

a necessidade de ser tendência  
o romantismo viciou-nos de tal  
forma, que se chegássemos ao  
devido objetivo, não saberíamos  
o que fazer.  
você será sempre um werther  
com receio de chegar na mulher  
que ama e louco de ciúmes  
porque ela está dando para outro  
a ponto de desejar a própria morte

poderia eu, fazer com que vissem

coisas que não conseguem ver,  
se tivesse as devidas palavras.  
as malditas palavras.  
mas por ora, ainda não  
as possuo

deveria eu, ter escrito um *mea culpa*.  
mas o mundo não dá a mínima  
às minhas justificativas  
seus viciados em linguagens.  
deixo-lhes com este poema  
que assassinou minha obra  
prima.  
o posfácio autofágico.  
despeço-me das palavras.  
a linguagem de sinais é mais  
verdadeira.  
meu ofício agora é o silêncio



## Sobre o autor:

Bruno Sanctus, nasceu no mesmo dia que Kurt Cobain e tem ascendente em sagitário. Falta um ano para que atinja a idade em que alguns de seus ídolos cometeram suicídio e, desde já, está encarando a pré-crise dos vinte e sete. É autor do livro de poesias *Escrevi Para Esquecer: Palavrões* (editora nota terapia) e está escrevendo mais uns quatro livros aleatórios. Alguns dizem que ele é o alter-ego da escritora Yulia Martins. Segundo o mesmo, sua vida é um filme sueco ruim, cheio de palavras impronunciáveis e sem moral alguma. Bruno gosta de vídeo-games, teoria da conspiração, quadrinhos, magia do caos. Sua avó vivia dizendo que ele foi abduzido aos dois anos, por alienígenas xenofóbicos e quando retornou, depois de vinte e quatro horas, escrevia um alfabeto misterioso de 64 letras. Ele só se permite ser manipulado pela própria cadelinha, a Mel. A única coisa que teme é que esteja vivenciando uma simulação de computador dentro do basilisco de roko.



O Sol Era Uma Hemorragia Ruivo-Oxygenada

Copyright 2017 Bruno Sanctus

- Published by -

Appaloosa Online Indie Publishing

[www.appaloosabooks.com](http://www.appaloosabooks.com)